THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261

Book .M11M8

1953
H147

MURMURIOS DO VIZELLA

POESIAS

DE

ANNA AMALIA MOREIRA DE SÁ

PORTO:
TYPOGRAPHIA DE F. GOMES DA FONSECA
Rua do Almada n.º 80 e 82.

1861

POESIAS

MURMURIOS DO VIZELLA

POESIAS

DE

ANNA AMALIA MOREIRA DE SÁ.

PORTO:
TYPOGRAPHIA DE F. GOMES DA FONSECA,
Rua do Almada n.º 80 e 82.

1861.

PQ9261
M77M8

387270
'29

AMK 6 Mar 33

.....breve rasão de meia duzia
de pensamentos metrificados.....
CORREA — *Inspir. Poet.*

FASCINADA desde tenra edade me hei dado do coração á leitura dos Poetas. E quanto maior copia de versos eu lia, maior era o prazer, que eu encontrava n'esta arte divina, para a qual me convidava tambem o exemplo poetico de meus Maiores e Primos, e principalmente de meu sempre chorado Pae e de meu saudoso Avô paterno.

Fructos, pois, estas minhas poesias, que publico, do exemplo de meus Maiores, de que algumas foram publicadas, e da lição dos nossos poetas; feliz eu me reputaria, se acaso podesse hombrear com uns e com outros, sem diminuir o brilho de nenhum d'elles. Embora, porém, vão ellas despidas dos atavios da

arte, os quaes é que dão, quasi sempre, os subidos realces aos versos; ao menos (e é n'isso que eu peço e recommendo se hajam d'encarar os meus versos todos) são as minhas poesias a expressão singela e candida de meu pensar — são o espelho sempre fiel das alegrias e dos pezares de meu coração — são o ecco purissimo do meu viver, do meu querer, do meu sentir e do meu existir em todas as phases da minha vida até hoje.

Pois ninguem com effeito, ninguem talvez poderá dizer melhor do que eu por fim d'este meu prologo, aquellas sentenciosas palavras, que do coração approprio do *Panorama*, Tomo 1.º pag. 59, e que me parece serem escriptas pelo nosso distincto poeta Alexandre Herculano.

« Para as dôres e desventuras do homem « não tem a historia uma lagrima; mas a poe- « sia as derrama, por que ella é o monumen- « to da vida intima, em quanto a historia o « é apenas dos actos e da vida externa. »

Anna Amalia Moreira de Sá.

AO RIO VIZELLA

« Esta é a ditosa Patria minha amada »
CAMÕES, *Lus. Cant.* 3.° — 21.

Da rola ao triste gemido,
Do rouxinol ao trinar,
Ao murmurar do meu rio
Meus cantos vou misturar,
Casar ao som da corrente
Da lyra os sons, que tirar.

Tenho a missão de poeta
No mundo para cumprir;
Triste vida sem ventura
Soffrer, chorar, e carpir;
Que ao poeta coube em sórte
Sómente saber sentir.

E quero colher a palma,
Que do genio se mostrou
Aqui junto do Vizella,
No berço que m'embalou;
Murmurar quero a saudade,
Que no peito se arraigou.

E a briza, que m'escuta,
Meus cantos aprenderá,
E o rio deslizando
Estas vozes levará,
E no murmurar saudoso
Meus cantos murmurará.

Á MEMORIA DE MEU PAE

Os mais originaes, e mais elevados vôos da minha rude lyra, são um justo holocausto á vossa memoria.

J. Serpa.

Meu Pae; é este um tributo,
Que te devo e vou pagar;
Um tributo de saudade,
Que ao sepulchro vou levar,
De saudade, que no peito
Profunda sinto calar.

São da minha lyra
Impulsos primeiros;
São pobres de certo,
Mas são verdadeiros!

E se d'esta lyra
Os cantos tirei,
Por ti inspirados
P'ra ti os criei!

Do coração filhos
Não sabem mentir!
De prantos nascidos
Não pódem sorrir!

Do sepulchro á borda
Oh! quanto chamei!
Porém foi debalde
Que não te acordei!

E a minha vida
Que feliz a cri!
De luto vestida
N'um momento vi!

De cypreste um ramo
A musa cortou!
E da vida as rosas
Na campa esfolhou.

Na lousa deixo, ó meu Pae, o fructo
De herança nobre, que d'Avós colhi;
Tu, que da lyra tambem sons tiraste,
Recebe a lyra a suspirar por ti.

SAUDADE A MEU PAE

Heureux l'homme a qui Dieu donne un saint Père
En vain la vie est dure et la mort est amère,
Qui peut douter sur son tombeau?
Lamartine.

Meu Pae! exaspera na dôr a saudade
Ao crer-te envolvido da terra no pó,
Ao vêr o cypreste, que o vento meneia,
Que triste me aponta o mundo tam só!

Da vida espinhosa, que o mundo te déra,
Eterno descanço já fôste encontrar:
Lá onde não chega dos maus a cobiça,
Nem pódem tyrannos a paz perturbar!

Meu Pae, oh! um anjo tu fôste na terra,
E a terra dos anjos morada não é;
Não é n'este mundo, que existe a ventura,
Que alegre se amostra aos olhos da fé.

Gozál-a já fôste! no premio do justo
O premio tiveste do muito soffrer;
Embora a saudade me rale este peito,
Embora de vêr-te não tenha o prazer.

Sá, 16 de Julho de 1849.

ESPERANÇA

....il faut espérer....
Alibert.

Vem, esp'rança, animar os meus dias:
Ah! não fujas... não fujas assim:
Dá-me um riso, dos teus magos risos..
Oh! esquiva não sejas p'ra mim.

E serás para sempre meu nume,
Minhas crenças em ti firmarei:
E da lyra a corda mais terna
Inspirada por ti vibrarei.

Não és praia das ondas batida,
Nem és concha do már expulsada,
Não és fonte das calmas exhausta,
Nem és rosa no peito murchada.

E's centélha na mente accendida,
E alaúde de dôce harmonia,
Que alto tanges na corda dourada,
Dôce corda, que diz — fantasia —

E's o sonho constante da vida;
Com encantos o Céo te fadou:
E's o meigo sorrir da existencia,
Nunca o homem o sêr te mudou!...

Vem, esp'rança, animar os meus dias:
Ah! não fujas... não fujas assim:
Dá-me um riso dos teus magos risos...
Oh! esquiva não sejas p'ra mim.

Mas que importa? és mentirosa;
E a mentira não dura:
Fóge o riso n'um momento,
E' maior a desventura!

Tuas illusões fagueiras
Não pódem satisfazer:
Vae, esp'rança, que não quero
O teu falso prometter.

Eu não quero, que me outorgues
Cá no mundo vãa grandeza;
Não amo o fausto, nem quero
Os thesouros da riqueza.

Não me agrada o reboliço,
Nem o luxo da cidade:
Amo só dos pobres campos
A paz, a simplicidade.

Em 20 de Julho de 1849.

ABANDONO

.... nulle part le bonheur ne m'attend.
Lamartine.

Por que fóges a 'sconder-te
Pállida luz do luar!
— Envolvida com as trévas
Não tens dó de me deixar?

Não és tu o meu consolo
Nas horas da solidão?
— Não é comtigo sómente
Que falla meu coração?

Onde vaes?.. detem teu curso;
Deixa o dia despontar:
E depois irêmos ambas
Nosso rumo procurar.

Ou tam cruel desamparo
Me queres fazer soffrer?
P'ra alumiar outras terras,
Outro Céo vaes percorrer?

Ai de mim! de mim sósinha
No seio da escuridade;
Pungida no peito sempre
Do sentir d'uma saudade.

Á ROSA

... eu te afago.....
E... ao peito meu te acolho e chego.
Canuto de Feijó.

Como é bella, estou notando,
N'esta roseira uma rosa!
Como móstra assetinada
Sua véste magestosa!

Linda rosa, n'esse esmero
A candura te diviso:
Tens rubôr nas folhas tuas,
E' d'amor casto sorriso!

Fóge, fóge: deixa o sitio,
Onde o homem bafejar;
Por que um só bafejo d'elle
Te fará logo murchar!

Não te illudam vãos requebros,
Affagos, graças gentis;
Acharás sómente espinhos,
Em seu composto matiz.

Quando tem dôce attrativo,
Na bôca meiga expressão,
Esconde, o cruel, no peito
A mais dura ingratidão.

O' bella! por mão impura
Não consintas ser cortada,
Perderás a côr e o viço,
E serás abandonada.

E' melhor viver sosinha,
As fisgas ir habitar:
E' melhor murcha do tempo
Na roseira desfolhar.

UMA ILLUSÃO

Para quem sabe amar e crêr....
a memoria falla ao coração.....
Mendes Leal.

E não era dos homens da terra!..
Que os da terra tam lindos não são,
Como esse homem, que vira em meus sonhos,
De figura e d'aspecto loução!...

N'essa vasta amplidão d'altos céos,
Qual estrella se póde apontar,
Que o fulgôr de seus olhos retrate,
Que mais linda se possa mostrar!...

Tinha faces, que o mundo não cria...
Era tal de seu rosto a expressão...
Era tal o sorrir de seus labios...
Que de vêl-o perdi a isenção!...

Era um anjo, e me cumpre adorál-o...
Pensamentos d'amor lhe darei;
Toda a vida que o Céo me destina,
Será sua, e eu d'elle serei!...

.....

E não era dos homens da terra!..
Que os da terra tam lindos não são,
Como esse homem, que vira em meus sonhos,
De figura e d'aspecto loução!...

A MEU PRIMO F. J. MOREIRA DE SÁ

(Na morte de sua mãe)

On ne vit qu'un jour pour mourir toute la vié.
Saint-Pierre.

Oh! tu onde estás! e não sabes que peno?
Dos labios não ouves constante bradar?
Não houves suspiros, que solto, gemendo,
Não vês este pranto o meu rosto inundar?

A dôr, a saudade, que o peito devóra,
E' força que eu deva p'ra sempre callar!
E soffrerei sempre tam dura tristeza
Em quanto o alento vital respirar!

Terrivel lembrança! mas ah! se podéra,
Do somno que dormes fazer-te acordar;
A' vida tornar-te, lançar-me em teus braços,
Maternos afagos ainda gozar!.....

Mas lei do Eterno, divino mandado!..
E quem seus decretos deixou d'arrostar!..
Fadigas da terra te ordena que deixes,
Nos seios te manda da paz descançar!...

UMA SAUDADE

(Na Povoa do Varzim)

E tudo, sem mentir, puras verdades.
CAMÕES.

Que saudade não traz á minh'alma
O raivoso bramir d'este mar!..
Esse tanto soff'rer d'outros tempos
Eu quizéra ver hoje voltar!...

E deixar para sempre estas praias,
Ir as ondas de novo sulcar!
E viver uma vida d'esp'rança,
Dôce esp'rança que vira acabar!..

Esse tempo voou tam ligeiro
Qual do vento o ligeiro soprar!
Innocente sorriso da infancia
Tu fugiste p'ra mais não tornar!...

Eu ao vento tinha mêdo,
Quando o ouvia assoprar;
Mêdo tambem tinha ás ondas,
Se em sanha as via pular;
— Mas ao regaço materno
Ia abrigo procurar.

E n'um afago esquecia,
Quanto podia temer;
Nem jámais uma lembrança
Me fazia estremecer;
— O p'rigo não conhecia,
Nem me lembrava o morrer.

Mas agora d'estas aguas
Só tiro recordação
De venturas, que passaram
Nos tempos, que já lá vão;
— Quando n'um pae, n'uma mãe
Achava consolação!....

A MINHA IRMÃ D. ANTONIA

Laisse á l'homme la gloire,
Les trienphes, le bruit;
Pour nous, aimer et croire
Au bonheur nous conduit.
Louise Colet.

Queres encher uma folha,
Nas folhas do livro meu?
E que poderei dizer-te
Que não seja em louvor teu?

Tu, que da vida, e d'esta alma
Tambem tens uma porção:
Que sempre em sonhos te encontro
Presa sempre ao coração?

Como a pomba és innocente,
Mimoso Cisne a boiar
No lago immenso do mundo,
Mas n'elle sem mergulhar:

Sorris de loucas vaidades,
D'encantos, que o mundo tem:
Ah! sorris, e teu sorriso
O mundo merece bem.

Foge sim: foge, não possas
Depois de louca descrer!
Ah! foge, foge que o mundo
Nada te póde off'recer.

A rosa cheia de brilho
Que nos salões vês entrar,
Finda a noite, a fésta finda,
Da rosa finda o brilhar.

Quando apenas na roseira
Começava o seu viver,
Entre os calôres do baile
A triste se vê morrer.

Ah! quantas rosas perdidas
Verás ali desfolhar!
Não queiras d'ellas a sorte,
Não queiras ali entrar.

Sá, 2 de Janeiro de 1850.

UMA LEMBRANÇA DO PASSADO

Non, tu n'as pas quitté mes yeux.
Lamartine (*Meditations.*)

Ah! fugiste p'ra sempre; não voltas!
Involvidas comtigo lá vão
Essas muitas esp'ranças d'outrora,
Que sorriam ao meu coração!

E' debalde que fôra chamar-te,
Já meus sonhos de crenças não são!
Entre os mortos tambem sepultados
Esses sonhos mentidos estão!

Os bons dias d'infancia passaram,
De saudade p'ra sempre serão!
E eu déra metade da vida
Pelos dias felizes d'então!

Minha mãe: oh! quantas vezes
Eu corri ao collo teu,
E tu com fervor pediste
P'ra mim as bençõs do Céo!

Quantas vezes elevada
N'uma santa devoção,
Acordáste a minh'alma
A's vózes da oração!

Quando sombra de tristeza
Pousava no rosto meu,
Dar-me podia alegria
Quem da vida o ser me deu.

E eu bem disse mil vezes
Essa hora em que nasci,
Do futuro não cuidando
Entre ventura sorri.

Mas esse tempo passára
Ligeiro como o tufão,
Só me resta p'ra saudade
A viva recordação.

Sá, 12 de Janeiro de 1850.

Á MINHA AMIGA D. ANNA E. DE FREITAS

(No claustro do convento de St.ª Clara em Guimarães)

Já que de lagrimas gostas...
Tolentino.

Oh! tu queres que descreva
Quaes do claustro as impressões?
Queres que tire na lyra
Sepulchraes meditações?
— Ah! minha Elvira: e não temes
Ouvir tam tristes canções?!...

Não ouves a solidão
Em calado repousar:
=«Habitação de finados
«E' este triste logar!»=
E o coração não te bate
Com agitado pulsar?....

O piar dos passarinhos,
A fonte que ali murmura,
A sombra das columnatas,
Da larangeira a verdura
Não te estão desafiando
A mais profunda tristura?...

E além na capellinha
Não vês a luz scintillar?
Que te diz: «Eis como a vida
«Vês agora a fulgurar!
«Como o d'ella o teu fulgor
«Has-de vêr inda apagar!=

O mesmo te diz a rosa,
Que além vês a vecejar:
Oh! mal no viço da vida
Nós vemos desabrochar!
E mal d'amor e ternura
Sentimos dôce folgar!...

Mas em breve o vendaval
A mim me desfolhará!
E o tempo tragador
Teus dias consumirá!
— Assim como os mortos dormem
Nosso somno inda virá! —

E então para o sepulchro
Não vaes olhar com horror?!...
E não crês ali dizer-te:
— « *Vem teu termo aqui depôr,*
« *Do que tu hoje mais amas*
« *Eu serei consumidor!* —

O' Elvira, esta verdade
E' terrivel d'escutar!
E queres que vá com ella
Teus seios d'alma calar?
— Oh! não queiras, que me poupas
Um saudoso recordar!....

Eu sinto d'uma saudade
O mais amargo pungir:
Minha Elvira, eu sinto n'alma
Quanto se póde sentir!...
Uma falta que no mundo
Ninguem me póde supprir!...

D'um pae, d'uma mãe os mimos
Quem póde tornar a achar?
Quem póde ter coração
P'ra taes penas supportar?!...
Mas d'um Deus a san'vontade
E' forçoso respeitar.

Em 31 de Março de 1850.

DESESPERANÇA

Del bien perdido al cabo que nos queda,
Sino pena, dolor y pesadumbre?
Ercilla y Zuniga.

O ligeiro volver d'um só dia
Minha vida p'ra sempre enlutou;
Dôce esperança que o peito nutria,
Como um sopro cruel me roubou!

E eu nutria n'um somno fagueiro
Dôce sonho de meiga illusão:
O porvir era lêdo na esp'rança,
E fallava no meu coração!...

E julguei que o prazer me sorria,
Com encantos de maga ternura;
A minh'alma sentia arrobada
Em afagos soprar-lhe a ventura!

Mas que importa, se tudo ligeiro
Como sôpro de vento voou?
— Mas que importa, se tudo mentira
Nem sequer um vislumbre deixou!...

Do tam dôce brotar da existencia,
Brandos mimos não posso aguardar!
— Este mundo não tem um afago,
Que me possa jamais offertar!!!...

AO ILL.mo SNR. ALVARO DE C. MOREIRA PINTO

(pela occasião da sua primeira missa)

.....vai, que has-de encontrar co'a gloria.
Garrett.

Oh! tu que já viste o mundo
Com os olhos da razão,
Que com exame profundo
Fizeste sabia eleição:
Tu que lêste a sã verdade
Nos annaes da eternidade,
Da divina erudição.

Seguir da virtude o trilho
Prometteste com ardor;
Do mundo deixando o brilho,
E seu mentido esplendor,
A tudo renunciaste,
Por que mais apreciaste
Ser ministro do Senhor.

E votando a Deus a vida
Que só d'elle deve ser;
Existencia apercebida
Dos enganos do prazer:
Pelo Céo abençoado,
Junto do altar sagrado
Como feliz deves ser!..

AO AUTOR DO DRAMA — A VINGANÇA —

O exc.^mo snr. João Machado Pinheiro.

Ce que j'en opine.....
Montaigne.

Ouve as palmas, cantor, que retumbam;
Olha os louros, que a gloria te dá:
Vai colhêl-os, cantor, que mais louros
Ainda a gloria, o porvir te dará..

Oh! não canse o teu grande talento!
Olha avante, cantor divinal!
—Oh! não pares; que estreia tam bella
Vai teu nome tornar immortal.

Olha avante: não vês no futuro
Nova estrella, tam meiga, a surgir?
—E' o genio a tecer-te mil c'roas,
Que mais has-de na fronte cingir.

AO EX.mo SNR. D. JOÃO D'AZEVEDO

..... para que saibaes, e fiqueis certos...
Diniz.

Perguntas porque não amo?
— Dizes estranho par'cer.
— A razão eu não sei dar-ta,
Eu mesma não sei dizer:
— E' talvez que um peito d'homem
Não sube inda comp'render!

E' talvez que a minha vida,
Toda cheia d'amargor,
Me vedára o sentimento,
Que diz — ventura e amor;
E' talvez por que meus sonhos
Não tem da crença o fervôr.

E' talvez por que do mundo
Só me apraz a solidão,
Por que não ouço e não creio
A força d'uma expressão:
— Mas não é por que no peito.
Já morresse o coração.

Em 18 de Setembro de 1850.

NA SOLIDÃO DO MOSTEIRO

E posso aqui viver a sós no ermo?
Rodrigues Cordeiro.

Vivo só, longe do mundo,
Vivo só, sem mais ninguem:
A meus suspiros responde
O só murmurio d'além;
A só fonte, que da rocha
Em rocha cahindo vem.

Vivo só! que triste vida
E' meu Deus, o meu viver!
Ha um vacuo n'este peito,
Que não sei bem preencher!
Uma avidez de ventura,
Ventura, que eu quria ter!

Oh! meu Deus, mas com os votos,
Que vos fiz, eu me prendi:
Não sei o viver do mundo,
Que esse viver não vivi;
Mas aqui a minha vida
Não é qual seria ali.

Um peito que o meu intenda,
Que amigo possa chamar,
Nestes sitios onde eu vivo,
Inda não pude encontrar!
Meus sonhos de joventude
Aqui verei sepultar!!!

Em 10 d'Agosto de 1850.

NO ALBUM

Do Illm.º Snr. Dr. Bento de Freitas Soares

Nem tem logar a mentira,
Traduzindo aqui na lyra
As vozes do coração!
Palmeirim.

Se tambem a minha penna
N'este Album deve escrever,
Não mancharei uma folha
Com mentiroso dizer.

Buscarei um sentimento
No sentir do coração;
Deixarei aqui gravado
« *Um voto de gratidão.* »

Ah! nunca possa o perverso
Este livro profanar!
Não escreva aqui seu nome
Quem costume perjurar.

Povôa do Varzim, 2 d'Outubro de 1850.

RESPOSTA A UMA POESIA

Do Illm.º Snr. A. J. d'O. Cardozo

Ah! se eu podesse.....
.....levantara...a...fronte...
Philinto Elysio.

Cantor: e tu queres, que tristes lamentos
Em sons piedosos aos Céos vá levar?..
Da lyra tu queres os carmes sentidos
Em dôce harmonia poder modular?..

Cantor: e tu queres?.. mas vê que já tenho
O peito cansado do muito soffrer!
Na dôr que mais punge, que mais atormenta,
Os labios as preces não pódem fazer...

Mas posso dizer-te que vida queixosa
Poder-te tornal-a de menos sentir;
Accentos tam meigos, de tanta magia,
Tributos de magoas podéram curtir!

Que válem dos campos, as flôres dos prados,
O canto das aves, que pode, que val?
Que importa dos montes a linda verdura?
Das meigas correntes o limpo cristal?!

Se tudo saudades inspira e ternura,
Mais diz á minh'alma um canto dos teus!
Mais diz essa lyra, á qual se eu podéra,
Um som encontrado juntára dos meus!

RESPOSTA A UMA OUTRA POESIA

Do mesmo Snr. A. Cardozo

Elevas-te nas azas sobre as nuvens,
Mandas teu estro embevecer-se altivo.
Entre os lumes do Céo.
Rodrigues Cordeiro.

O' cantor: d'essa lyra que pulsas,
Os descantes quem póde imitar!
Meigos sons d'harmonia soltaste,
Qual um anjo só póde entoar!

Eu a tragos o nectar bebia,
E a vida senti adoçar;
Esse gozo de maga ventura
Mais o peito fazia pulsar!

No transporte de viva ternura
A minh'alma senti elevar;
Eu julgava-te um anjo fagueiro,
Que na terra me vinha animar!

Bem dissera, cantor, tua lyra,
Que divina bem posso chamar ;
Bem dissera d'amor essa crença,
Que no peito sentia fallar !

Mas o voto ao Céo promettido,
Esse voto, que fiz, me lembrou !
Foi a Deus meu amor dedicado,
E sem crime ninguem perjurou !

Com palavras tiradas do peito
Fui ao Céo minha vida offertar ;
E agora não quero ter gozo,
Que me possa do Céo apartar !

Apartada dos homens não devo
Ter com elles o meu coração !
Entre os homens só posso mostrar-te
Um sorriso de grata affeição !

Á MORTE DE MINHA IRMÃ D. EMILIA

Ce ne sont pas des chants, ce ne sont que des larmes!
Alfredo Musset.

Na lousa, que te cobre, irei sentar-me,
E socia me terás na solidão,
Em quanto não tocar a terra fria,
Gelado, como o teu, meu coração.

Em quanto não vier a cruel morte
Da vida terminar-me o soffrimento!
Em quanto por nutrir dura saudade
Meu peito respirar algum alento!

Embóra com silencio só respondas,
A' dôr, que do repouso vai chamar-te
Embóra não me escutes; o meu pranto
A campa do jazigo ha-de lavar-te.

Sempre a mesma serei; serei attenta
Aos brados da amizade eternamente:
Pois sei, se, como tu, eu te faltára,
Me choráras tambem amargamente.

Perdi-te cá na terra, anjo perdi-te!
Toldou-me para sempre a desventura!
Minha existencia não será tam longa,
Que baixarei em breve á sepultura!

Sá, 15 de Novembro de 1850

A MEU PRIMO F. J. MOREIRA DE SÁ

Qu' ils sont malheureux ceux qui
sont nés malheureux!

Imbert Galloix.

Ao cantor, que nas selvas escuto,
Eu quizera poder imitar!
E aos cantos saudosos do bardo
Dôces cantos tambem misturar!

Mas que póde cantar o poeta,
Que do mundo maldiz e descrê!
Quando os olhos em pranto volvendo
Fria lousa da campa só vê!..

E nem sonhos mentidos concede
Um porvir de pesado soffrer!
E da lyra nos sons que tirava,
Nem um som articúla prazer!..

Como o gêlo do norte soprado
As frescuras da rosa murchou;
Tal o peso d'acerba tristeza
Dôces cantos no peito calou!

Que valem os campos, os lares da patria,
Os somnos dormidos no berço natal?
Que vale do rio remanso saudoso,
A dôce harmonia das aves que val?

Nem patria, nem berço calar podem n'alma
D'affectos sentidos saudoso bradar;
Aragem das brizas, perfumes do prado
Não pódem no peito a dôr acalmar.

Mas tu, que nos dias volvidos de luto
Estrella aguardaste de meigo luzir;
Enxuga nos olhos o pranto saudoso,
Vê lindo futuro, que assoma a sorrir.

Em 16 de Maio de 1851.

A' MINHA AMIGA D. ANNA E. DE FREITAS

Je pleure . . . . . .
Delavigne.

Tu queres, Elvira, ouvir uma trova?
Da lyra mesquinha um rude cantar!
Tu queres em prantos d'acerba tristeza
A vóz soluçando ouvir desatar?

Teu peito, que nutre sincera amizade,
Receio, Elvira, que eu vá magoar!
Da dôr, que me punge no amago d'alma,
Jámais te quizera fazer partilhar!

Nas velhas arcadas d'antigo mosteiro
Os dias serenos me viste passar!
Mas hoje, tam outra (que mal me comp'rendo),
Nos olhos o pranto não póde estancar!

A cruz que se erguera, lá junto aos cyprestes,
Qual negro fantasma se vem amostrar!
De dia nas horas, que lentas caminham,
De noite nos sonhos a vou encontrar!

Elvira, meu anjo, tu queres um canto?
Um canto da lyra não posso soltar!
A dura saudade que o peito devóra,
Só tristes gemidos te póde levar.

Em 13 d'Abril de 1851.

AO ILL.mo SNR. ANTONIO PINHEIRO CALDAS

(Resposta a uma sua Poesia)

La poesie en flots s'échappe de ton sein.
Victor Hugo.

Inda que eu de ser poeta
Só tivéra o coração,
Para sentir e soffrendo
Não achar consolação:
— Bem disséra minha sina
Ouvindo tua canção!

Qual o cysne que orgulhoso
Se vai no lago mirar,
Assim relendo teus versos
Esse teu lindo saudar,
Um sorriso d'ufania
Aos labios sinto assomar!

Ah! cantor, e póde acaso
Tanta força d'expressão
Mer'cer a lyra, que geme
Nas sombras da solidão,
Onde o mundo não trouxéra
Nem um sonho d'illusão?!...

Desta lyra, mal tangida,
A melhor corda estalou,
As reliquias d'uma campa
Dôces cantos lhe ceifou!
— Qual meiga rosa cortada
Cheia de viço murchou!

Se canta agora, é forçada,
Que lhe falta animação,
Porque no peito faltára
Do viver uma porção!
— E apenas para prantos
Inda pulsa o coração.

Em 25 de Maio de 1851.

NO ALBUM DA MINHA AMIGA D. ANNA E. DE FREITAS

Des tristesses sans nom.
Turquety.

Minha Elvira, tu queres que escreva
No teu Album mimosa canção?
—Oh! tu queres que diga saudade
Nos accentos do meu coração?—

Sim, meu anjo, bem posso dizer-te
Que não hei-de teu livro manchar;
—Nesse puro sentir de minh'alma
A verdade não póde faltar!

Muitas rosas eu vi desfolharem,
Ao mais leve soprar do tufão!
—Muitas vezes a rosa mais linda
Tem espinhos de negra traição!

Muitos sonhos na vida nos fallam,
Só de crenças nos fazem viver:
Poucas vezes real a ventura,
Só enganos nos tráz no prazer!

Mas, Elvira, no peito que sente
Este puro dizer d'affeição,
Ha ditames de tanta valia
Que da vida nos dá o condão.

A' EX.ma SNR.a D. CELESTINA CHARDONNAY

(Por occazião de cantar n'uma soiré em casa da Exm.a Condeça de Basto em Guimarães.)

Anjo que á terra vieste,
Has-d'ensinar-me o segredo
D'essa muzica celeste!
Augusto Lima.

Que vozes escuto!.. que dôce harmonia
Desperta no peito tam viva impressão!
Acaso os Archanjos o Céo nos envia,
Ou hoje habitamos celeste mansão?

Quem és, anjo mavioso,
Que assim nos vens encantar?
Tua voz, ninguem do mundo
Póde jámais imitar!

Teus cantáres são divinos;
E' divina a inspiração!
— Todos sentimos dizel-o
No pulsar do coração.

Guimarães, 21 d'Abril de 1851.

N'UM ALBUM

...je ne dirai rieu que de vrai
Fenelon.

Tu queres da minha penna
Encontrar uma expressão,
Onde milhares encontras
A fallar-te ao coração?
— Onde a vóz do sentimento
Te diz « amor e paixão?..»

Onde os sons da desventura
Jámais podéram chegar,
Tristes sons, que no meu peito
Debalde tento calar!
— E tu queres uma folha
No teu Album enlutar?

Quando o fulgor da existencia
Te principia a sorrir,
Queres vêr gotas de pranto
Sobre teu livro cahir?
— A luz da vida que vives
Queres tu vêr denegrir?

Ah! só respirem venturas
No livro do teu viver;
E maldito! oh! sim maldito
O que mentindo escrever.
« — Illusão ou soffrimento
« Aqui não deve appar'cer!

9 d'Agosto de 1851.

UMA RESPOSTA

..... d'esse tempo,
D'essas delicias d'então,
Só conservo a dôr da perda,
A triste recordação.

Correia.

Eu amei, mas meu amor
Foi vertigem que passou;
Foi um sonho de poeta,
Que nem vislumbre deixou:
—Foi como a rosa do prado,
Que o vendaval desfolhou.

Foi rosa que na minh'alma
Lá nasceu, lá se creou;
Mas que importa se c'o tempo
Já de todo se murchou;
Mas que importa, se vestigios
Essa rosa não deixou?

E o logar, que occupava,
Vago está, vago ficou;
Não rebentou outra rosa,
Nem a roseira brotou:
— Mas nem por isso dissera,
Que bom fado a não fadou.

7 de Setembro de 1851.

A NOITE

Noite, outr'ora de risos companheira,
Sê hoje de suspiros!
Borges de Barros.

Da noite o socego eu amo,
Amo da lua o fulgôr,
Que levam meu pensamento
Aos seios do Creador.

Amo a noite, sim, eu amo
A noite serena e bella;
Porque as horas mais felizes
São p'ra mim as horas d'ella.

E' então que a natureza
Convida á meditação:
— Quando vivos sentimentos
S'imprimem no coração.

Então o vate sosinho
Percorrendo a immensidade,
Nos largos vôos do genio
Vê de face a eternidade.

NO ALBUM

da Ex.ma Snr.a D. Izabel M. F. d'Oliveira.

... te montrer, c'est plaire; & te voir c'est t'aimer.
Delisle.

Que queres, ó Anjo, que escreva em teu Album?
No livro da vida, que posso dizer?
Da vida, qual outra que a tua não fôra!
A tua tam cheia de tanto viver!...

A Mãe, que nos braços alegre te accolhe
O Pae, que os pezares te fáz esquecer,
O goso, que o mundo por hoje t'off'rece,
Quem póde na lyra jámais descrever?...

Dizer-te amizade?.. oh! tu bem o sabes,
Ha-de consagrar-ta quem te conhecer:
Teu peito tam nobre, tu'alma tam pura,
E' facil, bem facil, podêr compr'ender!...

Que queres, ó Anjo, qu'escreva em teu Album?
Eu só — sympathia — te posso dizer:
E' essa, que amiga no peito me falla
E' essa que os votos te vae offerecer.

24 d'Abril de 1854.

UMA SAUDADE

A' morte de minha Irmã D. Emilia.

On ne leur parle plus.....
Lamartine.

Se não posso no mundo mais vêl-a,
Este mundo.... eu quero deixar!...
— A saudade, que punge a minh'alma,
E' saudade de muito penar!

E' saudade, que o peito me rala,
Que da vida me véda o gozar!
— A saudade, que punge a minh'alma
Eu não posso, meu Deus, supportar!...

Se não posso, não posso mais vêl-a,
Antes mares eu quero cruzar!
— Quero longe, do mundo bem longe,
Minha vida tam triste passar!...

Oh!... sosinha, sosinha p'ra sempre
Só as ondas eu ouça gemer!
— E não possam a peito amigo,
Chegar sombras do meu padecer.

25 d'Outubro de 1850.

ADELIA

ou

O somno de Viriato.

Gémissons sur leur tombe.
Colardeau.

I

Gente de Roma em Hespanha
Por certo não haverá;
Que o montanhez atrevido
Bem cêdo lhes mostrará,
Que uma lança em braço forte
Romanos affrontará.

Vinde, vinde, companheiros;
Vamos-lhe todos dizer,
Que jámais terras d'Hespanha
Póde Romanos soffrer;
Que é patria nossa, o que o mundo
D'elles só não ha-de ser.

Vinde, vinde; e malfadado
D'aquelle que se negou;
Que a meus pés logo prostado
A' vida mais não voltou:
— Que não é filho d'Hespanha
O que fraco se mostrou.

E tu pódes, minha Adelia,
Sem cuidados respirar:
Que o teu guerreiro depressa
A teus pés há-de voltar;
Os triumphos da victoria
Só por ti vae disputar.

Gente de Roma em Hespanha
Por certo não haverá;
Que o montanhez atrevido
Bem cédo lhes mostrará,
Que uma lança em braço forte
Romanos affrontará.

II

E lá vae o cavalleiro
Cheio d'esp'rança e temor!
— Da pobre Adelia, quem sabe
A sorte de seu amor?
Que é vida da sua vida,
A vida do lidador.

Muitos dias se passaram
E a triste suspira em vão;
Em vez de matar, quem sabe
Se ao montanhez matarão:
— Que de Roma a gente é muita
E tráz damnada tenção.

Mas repara, e vê bem perto
As lanças a reluzir;
O coração cobra esp'ranças,
Aos labios vem o sorrir:
— Oh! desgraçada!.. é imigo,
Que te vem a perseguir!

III

Adelia, vais como escrava,
Mas é outro teu senhor;
Tu, creada na montanha,
Tens da pureza o pudôr;
Humildes teus sentimentos,
Não vês no mundo esplendôr.

Vais no meio d'essa gente
Sem lhe pôder pertencer ;
Teu coração apressado
Sentes com força bater ;
Impéra n'elle a virtude,
Ningem te póde abater.

Diga-o, sim, esse romano
Que comtigo porfiou ;
Com promessas e affrontas
Teu amor te requestou ;
Mas não tem mêdo a virtude,
Nem nunca o ouro a cegou.

E quando esperavas a morte
A cada instante a chegar,
Um braço, braço bem forte,
Sentiste o teu apertar,
E um presagio tiveste
De que te vinha salvar.

Não te enganáste, ó Adelia,
N'essa dôce pulsação!
Não te enganáste que ao bravo
Inda pulsa o coração ;
E virá morrer comtigo,
Mas desamparar-te não!

D'amante são as palavras,
Que tu lhe ouviste dizer —
« Anjo, mulher dos meus sonhos,
Como vieste aqui ter?
— A sombra destes preversos
Não te fáz inda tremer?»

Partir, Adelia, com pressa....
Que o tempo póde faltar,
E em cada um dos romanos
Hás um monstro d'encontrar.
— Sedentos de sangue humano
Não sabem vidas poupar.

IV

Dos tyrannos já distante
A infeliz respirou,
Mas não sem custo e bem custo,
Do campo se retirou;
Que o imigo por bem tempo
Seus passos inda acossou

Teus infortunios, Adelia,
Bem pensaste d'acabar;
Mas não, não cantes victoria,
Que mais longe vão chegar:
— O somno de Viriato
E' p'ra mais não acordar.

Trahido foi por imigos,
Pelos seus o vae a ser:
A terra a fortes romanos
De sobejo fáz morder:
Hoje a morte lhe preparam,
Vil traição o fáz morrer.

20 de Novembro de 1851.

UM PENSAMENTO

A tudo estende amor seu brando imperio;
Cultos lhe rende o mundo.
S. de Sousa.

Foi bem longo, meu Deus, foi bem longo
Esse tempo de muito soffrer!
Quando esp'ranças morriam no peito,
E da vida não tinha o viver!

Quando via passarem meus dias
Como o nauta, que o rumo perdeu!
Quando apenas fitavam meus olhos!
Uma estrella luzindo no Céu!

Qual espectro negreja assombrado,
Entre galas de meigo folgar,
O passado, que a mente revolve,
E não póde jamais deslembrar!..

Oh! bem hajas, tu, bem hajas,
Que me fizeste viver!•
No mundo (p'ra mim deserto)
Soletrava só morrer!
Como o genio da rôla
Era triste o meu gemer!

Era triste — oh! era triste
O viver da solidão!
Esse viver que no peito
Comprimia o coração!
Quando d'amor a ventura
Era sómente illusão!

Hoje, sim, que me pertence
Tua vida, teu amor:
Que respondem á minh'alma
Extremos de Trovador;
Que no sentir a saudade
Tem um écco a minha dôr.

26 de Novembro de 1851.

O SINO DOS FINADOS

Oú sont-ils? qui pourra l'apprendre a notre cœur?
Heureux cœux qui sont morts dans la paix du Seigneur
Mad. L. Colet.

Que diz esse bronze no som alterado,
Que tanto no peito desperta o soffrer?
Que díz? diz — finado á campa baixando!...
Dos sonhos da vida terrivel descrer!...

E' som infallivel de dôr e saudade,
O écco sentido do triste dobrar!...
Annuncio d'um somno p'ra sempre dormido,
Que o brado mais fórte não póde acordar!

Meu Deus! que mysterio, quem póde sondal-o?
Da paz do sepulchro quem já murmurou?
Quem disse — p'ra todos aqui ha descanço?...
— Em cinzas um Nero jámais repousou!

Ouvira o tyranno, do mundo maldito,
A vóz do Eterno bradar — maldição! —
Debalde bradaram tangeres do bronze —
Bradáram debalde pedindo oração!

A's vestes d'um Anjo apinha-se a turba,
A turba, chorando, medita.... e resou!
— Nas crenças do nada lá foi involvido,
Quem sabe se em nada depois se tornou!...

São altos juizos, decretos divinos,
Que aos homens só cumpre saber respeitar:
— Verdades escriptas no livro sagrado,
Que o homem não póde jámais soletrar!!!..

IMPROVISO

A'minha amiga D. Margarida Maxima de F. Sampaio.

São tudo galas fingidas!
São tudo illusões perdidas!
Palmeirim.

Tu viste meu anjo a turva insensata,
Prazeres do mundo contente buscar!
Tu viste esse mundo, tam cheio d'encantos,
Seus lêdos afagos poder-te offertar?

Ah! sim, tu viste! mas viste a mentira
Por entre os arcanos d'um mago fadar!
Tu lêste os mysterios occultos n'um sonho,
Que a turba não póde jámais decifrar!

Amar o mundo não póde
Quem amou a solidão?
Esta páz, esta ventura
Que nos falla ao coração!
Esta crença não sabida
Que nunca diz — illusão! —

Lá, no mundo, mil tropeços
Te podiam magoar!
Aqui sonhos d'innocencia
Te víram acalentar.
— Este repouso da vida
Tem do Céo o bafejar!

Como a rosa, que no prado
Já viste desabrochar,
E na belleza, no mimo
As do jardim affrontar;
Morrer contente da vida
Sem seus dias profanar —

O teu viver de ventura,
Oh! não queiras, não trocar
Pelos prazeres mentidos,
Que no mundo fôste achar:
Pelos delirios d'um sonho
De p'rigoso despertar!

Em 9 de Maio de 1852.

Á MINHA AMIGA D. ANNA ELV. DE FREITAS

Os idolos da terra
Não vos conhecem .....
Andrada.

Despreza, Elvira, despreza
Pensamentos d'ambição:
Jámais o pezo do ouro
Cative teu coração:...
Não te illudam as grandezas...
Fôra triste condição.

Busca, sim, coração nobre,
Um peito, que intenda o teu;
Que possas dizer afoita
«Encontrei um outro eu!..
Isto, sim, oh! minha Elvira!
Isto, sim, vém-nos do Céu!

O que vale a fel'cidade
Sabe-se então conhecer;
A vida cresce e gozamos
As doçuras do prazer!
Outro tal thesouro o mundo
Jámais nos póde off'recer!..

Isso que os homens crearam
Para fortuna chamar,
E' fragil e balançoso:
Um sopro o póde levar!
— Anda na terra tam baixo
Que o podêmos bem calcar. —

Em 18 de Fevereiro de 1853.

O VATE

Como a aguia pairando sem tino,
Vê um ponto na esphera a luzir,
Vais, poeta, encontrar o destino,
Vês segredos no seio ao porvir.
Rodrigues Cordeiro.

Das harpas dos crentes sahiram os hymnos,
Meu Deus, que chegaram té junto de ti,
— Qual fumo d'incenso, que aromas diffunde,
Nas crenças do Eterno minh'alma sorri.

Senhor! eu quizera levar-te meus cantos,
Seguir os impulsos do meu coração;
Temp'rando no peito sonora harmonia,
Voar á dos Anjos celeste mansão!

A vóz do poeta é voz gemedora,
Que a turba sorrindo maldiz e descré:
O vate na campa soletra ventura,
E a turba na campa repouso não lê.

Não lê; que seus olhos fitaram a terra,
Das flores os brilhos apraz-lhe gozar,
As galas vestindo, que o tempo consome,
Não vae o futuro jámais decifrar.

Meu Deus! eu respeito divinos mysterios,
A fé nos revela verdades, que eu sei:
Em crenças mentidas revolva-se o vulgo,
Q'eu sempre meus olhos em ti firmarei.

Em 20 d'Agosto de 1853.

AMIZADE

No Album do Illm.º Sr. J. J. de Lima e Costa.

Amitié, don du ciel, soutien des grandes âmes
Voltaire.

Ha segredos no livro da vida,
Ha segredos de muito scismar!
Porque assim, ó meu Deus, nos vedáste
Nossos sonhos poder decifrar?

Porque havêmos de vêr a ventura,
Sem podêl-a jámais alcançar;
Este nome, nos sonhos tam vago,
Fóra crenças debalde encontrar!

Só um peito, que bem compre'ndemos,
E que amigo podemos chamar,
Faz real o prazer, a ventura,
Tem dictames de muito gozar!

E' na vida colhêr uma rosa,
Uma estrella vêr sempre brilhar,
E' faisca do céo dimanando
Um thesouro, que póde illustrar!

Amizade, meu Deus, dôce enlêvo,
Sentimento d'um nobre pulsar,
Malfadado será o perverso,
Que tal nome quizer profanar!

19 de Dezembro de 1853.

O DESPERTAR DO PROSCRIPTO

Será sempre cuberto de abrolhos
Agro trilho que á morte conduz?
A. Herculano.

Es tu sempre o mesmo fantasma maldito,
Que sempre do somno me vens despertar!
Oh patria! oh! nome de negra desdita
Debalde procuro poder-te olvidar.

És tu sempre o mesmo, que em sonhos me fallas,
Que dizes mil cousas ao meu coração!
És tu, sim, o mesmo que a vida me rala
Ao vêr a tam ardua, tam negra traição.

Malvados os homens, que assim me trataram!
Que fiz? e que crime jámais perpetrei?
Seguir os dictames da minha consciencia,
Calcar esse jugo, que chamam a lei?

Malvados! não sabem que o homem é livre,
Que leis só dictar-lhe podéra o Senhor!
E quem de cumpril-as o mando tivéra,
Não fôra verdugo, não fôra oppressor!

Justiça dos homens! mentido sarcasmo!
Os homens não sabem justiça fazer!
Sou homem; julgar-me não sei que outro homem
De Deus alcançára tam alto poder.

Mas fica-te ó patria, que um dia o proscripto,
Cumprindo seus votos, a ti voltará;
De insultos passados vingar-se podendo,
Tem Deus que por elle justiça fará.

Em 27 de Janeiro de 1854.

O MAR

Oh! . . n'esse dorso altivo, indocil, bravo,
Que jámais alquebrou lethal desmaio.
A. Braga.

Porque assim pelago ondoso
Em sanha estás a rugir?
— Immenso, como te amostras,
Quem te póde comprimir?

Quem limita teus furôres,
Quem te faz atraz volver,
Quando serra sobre serra
Vens a praia accommetter?

Quando o Céo de negro veste,
Escuro vestes tambem!
Quando o vento assopra, agitas
As ondas, que vão, e vem!

Inquieto, rugindo brames,
E perdendo a mansidão,
Imitas o céo, o vento,
Tomas a voz do trovão!

Sendo pois dos elementos
O mais forte, o principal,
Abrangeste 'spaço tanto,
Que a terra não tem igual.

N'um momento sobes, baixas
Montes, serras, valles cem;
Assomas lá, onde ainda
Assomar não viste alguem.

Por que irado retrocede
Teu impavido rancor!
Se n'um impulso raivoso
De tudo fôras senhor?

E'—bem sei — que o Ser Immenso,
O Senhor da tempestade,
Barreiras te impõe mais fortes
Na sua propria vontade.

SAUDADE

A' Exm.ª Snr.ª D. Maria Justina de Sá Coutinho.

A que hoje inda engrandece esta memoria.
Rodrigues Lobo.

Que não possam volver esses dias,
Essas horas que findas já são;
Essas horas, meu Deus, de saudade,
De saudade p'ra meu coração!

Esses dias e noites voaram,
Com a pressa do rijo tufão;
Hoje apenas no ecco retumba
O adeus, que nos diz — solidão!..

E que podem dizer estas praias,
Estes sitios de tanta illusão;
Que não seja dizer de saudade,
Um dizer da mais viva impressão!!

Povoa do Varzim, 9 de Dezembro de 1854.

SAUDADE

Saudade! gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir d'acerbo espinho!
Garrett.

Saudade! sentir acerbo
De penetrante soffrer!
E' poeta o que no peito
Uma vez te viu nascer:
E' poeta, oh! sim, poeta,
Quem te soube comp'render!

Saudade! nome cadente
De suave inspiração!
Exprime dôr e ternura,
O viver da solidão,
Harmonia que do peito
Geme em lugubre canção!

Quem ha que diga — saudade,
Sem tambem dizer — amor?
—Esse nome sempre preso
A' lyra do trovador!
—O melhor dos sentimentos,
Que nos déra o Creador!

Saudade... diz o meu peito,
Diz — saudade, a mais não ser!
Eu amo a flor d'este nome,
Por tambem lhe pertencer;
Amo tudo, que saudade,
Saudade póde dizer.

6 de Janeiro de 1855.

Á' MORTE DO EXM.º SNR. D. JOÃO D'AZEVEDO

— Oh! era mancebo d'esp'ranças cercado,
Aquelle que á cova o Senhor arrojou.
N. M. de S. Moura.

Já no seio do nada envolvido
Te revolvem os vermes no pó:
Tu, que vida queixosa tiveste,
Este mundo deixaste sem dó!

E' mesquinha esta vida; só goza
Quem dos sonhos e crenças sorri:
Quem dos homens lamenta as vaidades,
E no fim diz ao mundo — não cri —

Fôste grande no genio, e Poeta!
De Poeta tiveste o condão;
Sem ventura soff'reste, e soff'rendo
De poeta cumpriste a missão.

O Poeta é um ser inspirado,
Em quem pairam as crenças do Céu:
E que importa deixar este mundo
Quem venturas do mundo não crêu.

20 de Janeiro de 1855.

Á INCOGNITA, EXIMIA CANTORA

DA

Rosa Amarella

Quel Dieu propice nous ramene
L'espoir que nous avions perdu?
Rousseau.

Fada, ou anjo d'harmonia,
Quem te deu tanta magia,
Que a lyra vens inspirar?
— Lembrou-te, meiga cantora,
A rubra rosa d'outr'ora,
Que tentei desafrontar?

Já depois com voz turbada
D'existencia mallograda
Chorei a separação!
— Se por fim emmudeci,
Ah! cantora, não morri;
Vive mais o coração.

Ha um dever, que me chama,
Um cuidado, que m'inflamma,
Que faz a lyra esquecer,
Inda mesmo que a poesia,
Nos sonhos de cada dia
A tragos possa beber.

Mas á tua vóz sonóra,
Quem póde, gentil cantora,
Calado prevalecer?
— Eu de mim presumo tanto,
Que não ouvira teu canto,
Sem um canto t'off'recer.

25 de Março de 1855.

Á ILLUSTRE CANTORA DA ROSA AMARELLA

E Á

Mysteriosa Poetisa — A Violeta —

A vós co'a voz de lagrimas esquivas,
Se queixa dando vozes meu tormento!
.....
..... das horas do meu contentamento
..... espalhei saudades tristes....
Rodrigues Cordeiro.

Mimosas cantoras, colhestes as rosas,
Que ao trilho da vida me vindes lançar;
— A lyra d'ha muito por gosto pousada,
Dos braços jámais vereis apartar!

Oh! grata, cantoras, ouvide meus cantos,
Embora mesquinhos entenda que são!
Não tem as bellezas de mente exalçada,
São filhos sómente do meu coração.

Eu tenho da vida... o somno perdido...
O somno que sonhos mil vezes nos dá!
— Real a ventura sómente se amostra,
Ou triste a desgraça seus males me dá.

Não vivo, não posso viver n'esse mundo,
Que os homens chamaram viver d'illusões;
Aonde os poetas mil vezes encontram
Em sonhos alegres mui lindas visões!

Não vivo; que importa?.. apráz a mentira,
Em quanto a verdade não vemos chegar!
— Quem tem a ventura de cantos mer'cer-vos
Não póde os poetas do mundo invejar!

28 d'Abril de 1855.

A MINHAS IRMÃS E MARIDO

Depois d'uma grave molestia

E' salvo emfim.....,
Garrett.

Comigo sosinha na dôr mergulhada,
Bem junto ao sepulchro me vi arrastar;
Eu ia p'ra sempre deixar este mundo,
Que a vida de todo sentia faltar!

Mas vós, que de pranto meu leito regasteis,
Que duras fadigas vos vi arrostar;
A Deus empenhasteis com tanta valia
Que a vida o cadaver tornou animar.

Extremos d'esposo, d'irmãs o extremo
Poderam a morte de mim desviar;
Ao goso da vida agora voltando,
A vida, que em gêlo sentia tornar!

E culpa seria, se grata não fôra,
Se tanto desvêlo podêra olvidar
A vida que é vossa, p'ra vós a salvasteis,
Nem mais a podéra de vós apartar!

20 de Maio de 1855.

A GUIMARÃES

Hoje... sem c'rôa, nem sceptro
Não sou mais que feio espectro
Das minhas glorias d'então.
F. Martins

Guimarães, patria d'Affonso,
Fôste nobre em Portugal!
Fôste grande n'outro tempo
Quando não tinhas rival!
Viste arvorar em teus muros
O estandarte real!

Foram valentes teus filhos,
Os bravos foram d'então!
Tinham as crenças no throno,
Na lealdade o brazão:
Mas com os tempos findára
Essa nobre geração.

Como findaram teus brios,
Tua grandeza findou;
Nem mais viste esse atavio
Que a realeza o levou!
Nem conservaste orgulhoso
Memorias, que te deixou!

Abatido, e descontente
Em lethargo adormeceste;
Nem o progresso saudaste,
Nem bem inda o conheceste!
Um nome déste ao futuro,
Que logo após esqueceste!

Guimarães; oh! ergue a fronte,
Surge á luz, que os tempos dão!
D'uma idade a outra idade
Quantos seculos lá vão!
Recorda ao mundo teu nome,
Teus dias se alegrarão.

15 de Setembro de 1855.

AOS MEUS ANNOS

Céos, que tirastes do encoberto Nada
O fio de que a vida me tecêstes.
Filinto Elysio.

Já seis lustros d'existencia
Em turturado viver;
Mau fado, que me ha fadado,
Logo me vira ao nascer!

O ser livre foi um crime
Nesse tempo, em que nasci;
Por isso meu Pai soffrêra,
Com elle tambem soffri!

Quando a patria em liberdade,
Livre dava o respirar,
O' meu Pae, adormeceste
P'ra nunca mais acordar!

Minha Mãe, amigo amparo,
Tambem ella me faltou!
Irmão, irmã, que adorava
Tudo a morte me roubou!

Ah! meu Deus, é triste quadro,
O quadro do meu viver!
Assombrou-me a desventura,
Só me faltava morrer!

Hoje que me falla n'alma
Toda a crença d'um amor,
Que sinto prender-me a vida
Da vida todo o fervor.

Ah! bem digo o Céo da patria
Este Céo, que sempre amei;
A quem os sonhos da vida
Sempre ufana consagrei.

28 d'Outubro de 1855.

A MINHA CUNHADA D. CARLOTA MELLO

Estando á morte

Piedosos Deoses: ou lhe dai melhoras
Ou eu não viva mais nem um instante.
J. Evangelista.

Como geme alli triste
No leito da sua dôr:
No rosto já se divisa
Da morte o frio pallor.

Que terrivel passamento,
Duro momento cruel!
Oh! meu Deus, e ser forçoso
Tragar do calix o fel!

Mas tu, um anjo na terra,
Um anjo vaes para o Céo;
Filho de terna amizade
Aceita este pranto meu.

Hoje que o amor da vida
Te começava a prender,
Como a rosa é desfolhada,
Tu desfolhada vaes ser.

Revogue o Céo
Sentença tal,
Acalme ainda
O vendaval.

E essa vista
Já moribunda,
Possa inda vêl-a
Terna e jucunda.

A's faces volte
Meigo rubôr,
Dispute á rosa
A linda côr.

E se ella dorme.
E não morreu,
Vida tam cara
Prolongue o Céu.

Em 27 de Novembro de 1855.

A' CONCEIÇÃO DA VIRGEM

Ave, Maria, tão bella,
Casta pomba d' Israel,
Que da vida em mar de fel
Brilhas, propicia estrella.
J. de Lemos.

O' Virgem das Virgens Exulta de gloria,
Que sempre teu nome bemdito será!
No Céo e na terra mil vezes bemdito,
Nos tempos dos tempos, meu Deus, oxalá!

São altos mysterios, que encerra teu nome,
Ser Mãe e ser Virgem te fez o Senhor!
Portento de graças e mil maravilhas
Que Mãe te fizera d'um Deus Redemptor!!

Entôem Hosanna os homens na terra,
Qual dizem Hosanna os anjos no Céu;
Dos homens bem pódes mudar os destinos,
Na crença te veja um dia o Judeu!

As Nações da terra te louvem ó Virgem!
Ah! louve-te ainda ingrata Judá!
Que o mundo bem diga p'ra sempre teu nome
Nos tempos dos tempos, meu Deus, oxalá!

O' Virgem pura e formosa
Fôste filha d'Israel;
Fôste qual lyra sonora
Entre as mãos do Menestrel.

Creôu-te Deus um prodigio,
Aurora d'eterna luz:
Feliz quem lhe vir o facho
Symbolisado na cruz!

N'esse abraço, que cingiste
A todo o povo Christão,
Fôste thesouro de graça,
Déste-nos consolação.

Virgem Mãe dos pecadores,
Tende de nós compaixão!
Fazei que todos gozemos
O fruto da redempção.

8 de dezembro de 1855.

A MULHER

.....Quem ao menos uma vez, não creu na existencia dos anjos, revelada nos profundos vestigios dessa existencia impressos n'um coração de mulher?....

Eurico o Presbytero — A. HERCULANO.

Mulher! é sim este o nome,
Que a natureza te deu:
Fadou-te Deus, e bem posso
Chamar-te um anjo do Céu:
Mas não, não queiras do mundo
Nem um pensamento seu.

Se és um anjo na essencia,
Demonio o mundo dirá:
Tua missão sobre a terra
Soffrendo se cumprirá:
Pezáres, dôres e prantos
Eis o que a vida te dá.

Nem melhor sorte procures,
Que Deus um ser te creou,
Não para gozar o mundo,
Jámais alguem o gozou;
Expiar alheias culpas
Eis o que Deus te ordenou.

Não busques, não, a ventura,
Que a ventura é nome vão;
E com promessas o mundo
Não te mova o coração,
Que sómente d'escutal-o
E' triste a recordação.

28 de Dezembro de 1855.

Á EXM.ª SNR.ª D. MARIA CLARA DE FREITAS COSTA

Pela sentida morte de sua Exm.ª Filha D. Carolina

Partida a rosa na haste
Rijo norte lhe soprou,
Quasi pendida ao sepulchro
Grato aroma inda exhalou...
C. Castello-Branco.

No delirio febril d'existencia
Entre os braços da morte exhalou!
Essa vida feliz, que vivia,
Ah! prostrada p'ra sempre ficou!

Nem um ai de saudade lhe ouviste,
Porque o mundo deixar não pensou!
Nem um ai de saudade, que a triste
Os seus dias mais longos contou!

Porém tu, que na dôr abraçada,
Que de Mãe o sentir exasp'rou,
Ah! chorando, chorando-lhe a perda
A saudade tu'alma calou.

As mentidas promessas do mundo,
São promessas, que a morte logrou!
Aguardavas um anjo na vida,
Foi um anjo, que o Céo te levou!

Mas a dôr acalmando bem díz,
Que de sorte melhor a fadou!
Este mundo que dar-lhe podia?
Se venturas o mundo negou!..

Em 6 de Janeiro de 1856.

A CAMÕES

..... Dai, Portuguezes,
Dai esmola a Camões.
Camões — GARRETT.

Cantor! e que importa que a patria mesquinha
Negar-te quizera o solo natal?
Vingaram-te os tempos; o mundo vingou-te:
De gloria teu nome maldiz Portugal!

Monarcha mancebo, soberbo de gloria,
Na mingua te deixa, nem premio te dá!
Mais alto que o throno subira teu nome,
Que o Rei só maldito do mundo será!

O astro dos astros tu foste na terra!
Tu fôste entre os homens distincto farol!
Thesouro deixaste de tanta valia,
Qual outro não viram os Luzos a prol!

Os feitos do Gama nem tanto valeram,
Se o mundo os não vira cantados por ti!
Dos Luzos os feitos, d'Ignez a memoria,
Apár com os tempos revivem ahi!

Cantor dos Lusiadas! que importa que a patria
Negasse a teus ossos distincto logar?
Vingaram-te os tempos, idade mais culta
Os louros á campa te fôra levar!

27 de Janeiro de 1856.

Á MORTE DA EXM.ª SN.ª D. MARIA ANTONIA D'ARAUJO A. FEIO

Ou ne leur parle plus...
Lamartine.

Mais uma rosa finada
Das poucas, que o jardim dá;
Mais uma vida perdida
Que o mundo não gozará!

A' sombra de velho tronco
Mimosa rosa brotou;
Mas apenas despontava
Quando o norte lhe soprou!

E da rosa a debil haste
Não resiste ao furacão,
Que de todo desprendida
A fronte roja no chão!

Era rosa de ventura,
Era o mimo do rosal,
Mas desapar'ceu a triste
No soprar do vendaval.

E da roseira no tronco
Uma saudade nasceu,
Que em vez de murchar c'o tempo
Mais a saudade cresceu!

Ha-de, sim, aquella rosa
Com saudade prantear
Quem mimosa, casta e bella
A viu no pó sepultar.

E o suspirar profundo,
Que do peito me arrancou,
Levarei como tributo
A' saudade que deixou.

14 de Setembro de 1856.

AO PADDRE AZEVEDO

Religioso que foi no Mosteiro da Cruz

Amar, soffrer, orar era a existencia
Que lhe talhára a sorte;
Enxugar muitas lagrimas na terra
E repousar na morte;
A. Herculano.

Entre as naves do templo sombrio
O bom Monge rezando se vê:
O Mosteiro lá fica dezerto,
Mas o Monge dezerto o não crê.

A su'alma ao seu Deus elevada,
Não lh'importa do mundo ninguem:
Não importa que deixe o Mosteiro,
Quem profano seus votos lá tem.

E o Monge lá quéda e lá dorme,
E o Monge seus votos cumpriu:
Entre as naves do templo sombrio
O bom Monge p'ra sempre dormiu!

E passára seus dias contente
Entre povo, que as crenças lhe dá:
E depois entre as naves do templo
O sepulchro lá diz — aqui está —

Sancto... sancto o diz o povo,
Que d'elle milagres ha;
Mil offertas vão levar-lhe
Que seu corpo inteiro está.

23 de Fevereiro de 1858

A' APRESENTAÇÃO DE EGAS MONIZ

A

D. Affonso 7.°, Rei de Leão

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Camões — LUSIADAS.

Rei, senhor, eu sou Dom Egas:
Favor não venho pedir,
Mas com fé, com lealdade
Minha palavra cumprir.

Cota d'armas, peito d'aço,
Mais de cem lanças quebrei:
Fui valente entre os valentes
Açoute da moura grei!

E ninguem a sua patria
Jámais devéras amou!
Nos serviços de meu amo
Ninguem me a palma levou!

Hoje vos devo as cabeças,
Que ante vós venho trazer:
Compaixão não vol-a peço;
Rei, senhor, vimos morrer.

E darei á patria amada,
O que d'ella recebi:
Com a vida, que vivêra,
Aquella que não vivi.

Eu não quero por vil preço
A liberdade comprar,
Maldito do Céo, dos homens,
Maldição acarretar!

Se atêgóra vesti armas
Para a patria defender:
Hoje sem 'scudo, nem armas
Venho por ella morrer!

De tanta fidelidade
Confundido disse o Rei —
« Com taes vassallos eu fôra
« Ao mundo dictar a lei.

« Vae com solida virtude
« Tua patria ennobrecer,
« E que possam vossos filhos
« Na mesma taça beber.

Á MORTE D'UMA CREANÇA

Tenra florinha dos jardins da vida,
Cortou a morte;
J. Fructuoso

No livro da vida, que em branco deixaste,
Soletrar sómente podeste o morrer;
Feliz, que não lêste amargas verdades,
Que a vida e o mundo nos fazem saber.

Feliz, que teus olhos abertos ha pouco
Ao mundo p'ra sempre cerrados estão;
Feliz, que bem puro d'amor innocente
A Deus entregaste o teu coração.

Feliz, que não viste em triste sudario
O pranto, que ao rosto trouxéra o soffrer;
Feliz, que no livro, que o mundo te abrira,
Soletrar sómente podeste o morrer.

Feliz, porque apenas do nada sahindo
Vóaste ao gozo, que o mundo não dá;
Feliz, porque o brado tremendo da culpa
Jámais o Eterno p'ra ti soltará.

5 de Maio de 1857.

A MINHA AMIGA E PATRICIA

D. Margarida M. de Freitas Sampaio

Eu quero descantar na lyra d'oiro
O meu berço natal; quero imprimir-lhe
N'um osculo d'amor minha saudade.
J. Freire Serpa.

Saudade da minha terra
Em toda a parte hei de ter;
D'esse jardim de verdura,
Que outr'ora me viu nascer;
Ao berço da infancia minha
Grata ideia hei de volver.

E que importa essa opulencia
Das grandes terras, que vi?
Que vále viver afoito
Entre prazeres alli?
D'essas vaidades dos homens
A natureza sorri.

Lindas margens do Vizella,
Onde pizo o solo meu,
Tambem na historia dos tempos
Déste ao mundo o nome teu:
Dár-te quero uma saudade,
Que no meu peito nasceu.

Tu, que o mesmo Céo te cobre,
Que bebes o mesmo ar;
Tu, que o mesmo sol te aquece,
Que vês o mesmo luar,
Pódes crêr, que a patria amando,
A patria possa olvidar?

Se a crença tem do passado,
Do porvir meu sonho é!
E' um bordão levantado,
E' qual o cédro de pé,
Quando na tormenta vejo
Do mundo perdida a fé.

Guimarães 20 d'Agosto de 1857

O ATHEU

Dos olhos do Senhor, homem, se podes,
Esconde-te um momento:
Vê onde encontrarás logar que fique
Da sua vista isento:
Harpa do Crente. — A. HERCULANO.

Do Atheu, ó meu Deus, qual, a crença?
Insensato! não pensa o que diz!
D'existencia d'um Deus tudo falla,
Quanto existe nos diz que existís.

Insensato!.. a voz da consciencia
Só á hora da morte ouvirá,
E o erro, que a vida traçára
A verdade terrivel fará.

Mesmo o homem, que bruto nascera,
Achou crença no seu coração,
Que do seu Creador lhe fallára,
Quando sábia fallou a razão.

E que importa, meu Deus, que te negue
Quem o seu coração perverteu?
Inda assim se ouvirá o teu nome
Nas palavras finaes do Atheu!

Tudo, quanto por ti foi creado,
Testemunha, Senhor, o teu ser:
E's a luz, e a luz de ti mana,
Qual os astros estão a dizer.

16 de Dezembro de 1857.

Á' INCARNAÇÃO

E o verbo se fez carne.
Evang. de S. João. Cap. 1.°

Ao grande Mysterio d'um Deus humanado
Quem é que os joelhos não dobra no chão!
Quem é que d'humilde a fronte não curva,
Adóra e respeita d'um Deus a missão!

Vós homens da terra quem quer que sejaes,
Turcos, ou Mouros, Christãos ou Judeus,
Pasmae! Que da Virgem o homem nascêra,
E nem por ser homem deixou de ser Deus!..

E que maravilhas encerra a pobreza
D'essas mesmas palhas, aonde nasceu!
Que sendo quem thronos levanta e derruba,
Nem sequer um berço p'ra si escolheu!

Dizel-o poderam aquelles pastores,
Que as vózes dos Anjos ouviram cantar:
« Gloria n'altura! paz na terra aos homens
« D'aquelle que os homens quer vir resgatar.

Dizel-o poderam tambem os tres Magos
De Tharsis, d'Arabia, o Rei de Sabá,
Que thronos e c'rôas os sceptros depondo,
Um astro por guia os leva a Judá.

E vendo o menino, que a luz lhes mostrara,
Com ouro, incenso, e myrrha lhe dão;
Alli reconhecem o Deus humanado,
Mysterio, que a todos nos diz — Redempção.

A' CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA TOCHA

No monte da Santa na freguezia de S. Adrião de Vizella

Salve, antigo monumento,
Vetusto padrão da historia,
Salve, illustre descendente
Dos nossos tempos de gloria!
A. Lima.

Tu, que serves de memoria,
De recordação de historia,
D'essas eras, que lá vão:
Tuas penhas escarpadas,
Tuas formas desmembradas
D'esses tempos que dirão?

Aqui dizem que parára,
N'estes sitios acampára,
A romana legião:
E tu, vetusta capella,
Que do tempo és d'aquella,
D'este povo é tradição.

Assentada n'essa altura,
Se te falta formosura,
E's um distincto padrão:
Tua crença renegando,
A Mãe de Christo abraçando,
E's um templo de Christão.

Que não possas tu fallar-nos,
E d'esses tempos contar-nos
A tam dura rigidez:
D'esses romanos ardentes,
Nos Luzitanos valentes
Que mudança o tempo fez?

D'estes sitios, destas Caldas,
Que destes montes nas faldas
O assento vem tomar:
De seus poços no entulho
N'esse talhe ao desembrulho
Inda a grandeza a mostrar!

E sendo cousa contada
Déra crença illimitada
A' constante tradição,
Que nestas Caldas 'stivera
N'outro tempo, n'outra era,
Affonso, rei de Leão.

Que não deixe a natureza,
Que me contes a grandeza
Da minha terra natal!..
E fartar-me este desejo
De dizer — foi qual a vejo
A's grandes terras igual —

Em 26 de Dezembro de 1857.

ROZA BRANCA, E ROZA ENCARNADA

Ha annos foi trazida ao torneio poetico a questão das Rosas branca e encarnada, e por tempo occupou as pennas de melifluos Vates.

Tomando pois na merecida consideração seus illustrados auctores, e com a devida venia, folgo de aproveitar a occasião de transcrever as seguintes mimosas poesias debaixo d'este titulo.

E não trago a lume as poesias todas, que a nossa imprensa publicára n'aquelle tempo, por só ter em vista as que directamente se entrelaçam com meus humildes versos, que tambem publico debaixo do mesmo titulo.

Á ROZA BRANCA

Quem ha ahi que me pertenda
Esta luva levantar?
Quem ousou na minha rosa,
Na rosa branca tocar?
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha-de findar.

Quem é, ó rosa encarnada,
Que te vem desafrontar?
E' cavalleiro por certo,
Quero com elle brigar.
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha-de findar.

E's cavalleiro, não pódes
Um duello recusar;
Fóra vergonha: não has-de
Por tal vergonha passar:
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha-de findar.

Rosa branca, rosa branca,
Quem te quer escurecer?
Será a rosa encarnada
Quem tal ouse emprehender?
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha-de morrer.

Ingenua copia dos Anjos,
Pódes tu deixar de ser?
Candura, mimo, innocencia,
Tua côr não quer dizer?
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha-de morrer.

E quem póde, linda rosa,
Tua constancia vencer?
Tua côr é sempre a mesma,
Só mudas p'ra perecer.
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha-de morrer.

Quem já te viu, minha rosa,
Tam risonha a florir,
E deixou um terno beijo
De te ir na face imprimir?
Vem á liça, cavalleiro
Que um de nós ha-de cahir.

Quando no peito da bella
Tu vaes ao peito sorrir,
Ternuras que lá vão dentro..:
Não nos vens tu traduzir?
Vem á liça cavalleiro,
Que um de nós ha-de cahir

Formosa vestal do prado,
E's nivea estrella a luzir:
E's a pomba que bradaste
— Novo mundo vae surgir!..
Vem á liça, cavalleiro,
Que um de nós ha-de cahir.

Qual póde, dize, qual póde
Brilhar mais entre o verdor?
A tua rosa encarnada,
Ou a minha toda alvôr?
Vem á liça, cavalleiro,
Quero vencer teu valor.

Minha rosa tam amada,
Quero ser teu trovador;
Lá entre os teus cavalleiros
Conta mais um defensor.
Vem á liça cavalleiro,
Quero vencer teu valôr.

Não quero guerra e tu queres,
Pois amas da guerra a côr;
Mas hoje sim, que tocaste
Na rosa, que é meu amor,
Vem á liça, cavalleiro,
Ou brado — sou vencedor.

João Machado Pinheiro.

AO EXM.º SNR. JOÃO MACHADO PINHEIRO

E' da campina a virgem
A pudibunda flor:
Em seus fluvios matutina brisa
Bebe o primeiro amor.
A. Herculano.

Trovador: lançaste a luva,
Que eu te fôra levantar:
— Vejo na rosa encarnada
Tanta lindeza sem par;
Que não póde a rosa branca
Com ella rivalisar.

Por isso que tem nas folhas
O mais lusido carmim,
Sobresáe ás outras flores
Elevada no jardim;
Tem mais garbo, mais candura,
Que tem a côr do jasmim.

Essa côr, que tem as bellas,
Côr de meiga animação,
Que nos impulsos d'amor
Diz que sente o coração;
Lisongeia mais que a branca,
Que não soffre alteração.

E' das rosas a mais bella,
A rosa que tem rubôr,
Porque a rosa descórada,
Que sómente tem alvôr
Não tem aquelles encantos
Que tem a vermelha côr.

Mimosa rosa encarnada,
Mimosa rosa em botão,
Tens a candura dos anjos;
A belleza é teu condão.

Em linda manhã d'Estio,
Quando o sol vem despontando,
E's qual um astro luzente
Na esphera scintilando.

E's toda encanto e ternura;
E's toda crença e amor;
E's imagem da ventura
Que sorri ao trovador.

Como o tufão vae raivoso
Tua existencia murchar;
Tal má sina de poeta
Vem seus sonhos decifrar.

Anna Sá.

Á ROZA BRANCA.

A'... Anna de Sá.

Rosa branca, és vencedora,
Pódes victoria bradar:
A tua rival não teve
Quem viesse batalhar:
Não teve um só cavalleiro
Para a vir desafrontar;
Foi preciso que uma dama
Viesse á liça brigar!!!

Mas veio quem só podia
O meu braço desarmar:
Eu me confesso vencido
«Ante essa lyra sem par»
Venceste, mas não a rosa,
Que tu vens desafrontar;
Venceu a lyra do bardo
Da tua lyra o trovar.

Sim, cantora, quem podéra
Os teus cantos imitar;
A magia com que sàbes
Nossas almas encantar!
Tem o condão da belleza
Os teus versos d'invejar;
Cantora, tens um futuro,
Tens um futuro a brilhar.

Mas ah! se a rosa encarnada
Tu querias defender,
Procurando a minha rosa
Com ess'outra escurecer;
Se a rosa, que eu tanto amo,
Tu querias combater,
Esqueceste o que podia
A minha rosa vencer.

Dissesses, bella cantora,
Este singelo dizer:
«Eu sou tua, tu és minha,
«Hei de sel-o até morrer»
Se o dissesses, vencias
Quem tu querias vencer:
Hias com isto a victoria
A' tua rosa offerecer.

Podia a rosa encarnada
Orgulhosa a fronte erguer,
E bradar: « sou vencedora »
« Sou rainha a mais não ser:
« Pertenço a quem do Parnaso
« A c'rôa soube mer'cer.
« Sou della, chama-me sua,
« Diz que della até morrer.

« Que me importa, rosa branca,
« Que inveja posso nutrir,
« Que tu sejas da candura
« Ingenua estrella a fulgir?
« Que seja a côr da pureza,
« A que te venha vestir?
« Que tenhas tanta meiguice
« Como da bella o sorrir?

« Que lá no escuro da noite
« Possas as trévas ferir?
« Que tristinha alli retrates
« Da rôla o triste carpir?
« Que não haja quem de dia
« Te rivalise em luzir?
« Que noite e dia tu sejas
« Sempre bella a florir?

« Que quando sentes que a morte
« Vem o teu seio partir,
« Mudes p'ra côr que mais toca,
« P'ra côr que sabe sentir?
« Essa que ao peito nos falla
« Que mais nos sabe ferir,
« P'ra pallidez int'ressante
« Que nunca soube mentir?

« Que lá no meio do prado,
« A brilhar entre o verdor,
« Sejas a rosa dilecta
« Do mancebo trovador?
« Que lá nas furias da guerra
« Diga paz a tua côr?
« Essa bandeira tam bella
« Nas mãos do conquistador?

« Que me importa? não te invejo,
« Não te invejo a tua côr;
« Valho mais do que tu vales,
« Tenho mais alto valor:
« Eu pertenço a quem pertence
« Alta lyra de primor.
« Essa c'rôa de rainha
« Has de vir-me aos pés depôr.

Sim, cantora, se dissesses,
Que a rosa que tem rubôr,
Era tua como é minha,
Linda rosa toda alvôr,
Vencia a rosa encarnada
A' branca, que é meu amor.
Assim só venceu teu canto
Os cantos do trovador.

Guimarães, 7 de Novembro de 1849.

João Machado Pinheiro.

A'.... ANNA SA'

A prol da rosa encarnada,
Da côr da guerra lustrada,
Quem é que rompe a estacada,
Rija voz a levantar?
Quem é o guerreiro valente,
Da rosa branca descrente,
Que a vermelha tráz na frente —
«A' liça — á guerra — a bradar?

Será seu elmo brilhante,
Como seu braço, pujante?
Serei eu em tredo instante?
Em hora mofina, aziaga?
Quem será?... Sua armadura
Será tam fina, tam dura,
Terá tempera tam pura
Que a não rompa a minha adaga?..

Não: não é — Enrista a lança
Cavalleiro — Eu tenho esp'rança
De vencer tua pujança
N'este campo, onde ousas vir!..
Mas, que vejo?.. Céos!. E' ella
Gentil, formosa donzella,
Nobre, altiva, ousada e bella
Quem meu peito vem ferir?

Donzella, deu-te o destino
Chamma de fogo divino:
Adversario mais dino
Nunca eu podéra ter!
Donzella, deponho o escudo,
Lança, espada, arnez e tudo,
O meu peito só desnudo
Sabe as donzellas vencer.

Donzella, tens campeador,
Ebrio das paixões d'amor,
Que não sabe ser traidôr
Ao pendôr, que Deus lhe deu.
Trovador aqui bem vês,
Que não póde, em que lhe pêz,
Ser ás Damas descortêz
Uma vez..... Anjo do Céu.

Eu amei a branca rosa:
Inda a amo, que é formosa,
Como tu móça mimosa;
Anjo da terra, Mulher!
Mas se tu mandas que adore
Outra rosa... Embora eu chore,
Triumphante ella se arvore,
Nem um ai darei sequer.

Nem um ai! E póde acaso,
O homem que é terreo vaso,
Hesitar por longo prazo
Ante um bem por Deus fadada?
Não! Mulher! O odio meu
Deporei contra amor teu,
Se tu disseres — «Sou eu
«No mundo rosa encarnada —

Agueda, 6 de Dezembro de 1849.

José Maria Vellozo.

AO EXM.° SNR. JOÃO MACHADO PINHEIRO.

..... Chantez .....
Victor Hugo.

Brada, brada, cavalleiro,
Nobre, valente guerreiro;
Brada, sim, és vancedor:
— E á tua nivea rosa,
A' tua linda mimosa
Pódes os louros depôr.

Eu cá de mim bradarei,
Eu altiva lhe direi —
« Não te ufanes orgulhosa,
« Porque mereceste o amor
« Do mancebo trovador,
« Nem por isso és mais formosa.

Olha a bella lá do prado,
Que se levanta a teu lado
Com seu ar de sob'rania:
Olha como está dizendo,
« Por mim mesma me defendo,
« Tenho toda a primazia.

« E' mui lindo teu alvôr:
« Mas não tens este rubôr,
« Que nas folhas me reluz;
« Não tens o mago condão,
« De fallar ao coração,
« Que nesta côr se produz.

« Por que victoria tiveste,
« Por que do bardo podêste
« Dôces canções escutar:
« Hei-de dizer que és feliz?
« Mas o que o bardo te diz
« Não o posso eu invejar —

« Tens cavalleiro mui dino,
« Tens um trovador divino,
« Não podes ser malfadada;
« Tambem eu fôra vaidosa,
« S'elle em vez de branca rosa
« Dissera — rosa encarnada.

Brada, brada, cavalleiro,
Nobre, valente guerreiro;
Brada, sim, és vencedor;
— E á tua nivea rosa,
A tua linda mimosa,
Pódes os louros depôr.

Anna Sá.

AO ILLM.° SNR. JOSÉ MARIA VELLOZO

Canção da rosa branca

Je donne mon avis.....
Montaigne.

Não, cavalleiro, não ouso
Ir comtigo guerrear;
Eu não tenho braço forte
Para poder-te affrontar:
Não quero, não, a lindeza
A' tua rosa offuscar;
Não preciso escurecel-a
Para a minha realçar.

Quizéra á rosa encarnada
Um alto louvor tecer:
Quizéra como poeta
Dôce canto lhe offerecer;

Por que essa rosa tam bella
A rosa do meu querer,
Tem primôr, tem louçania,
Qual outra não póde ter.

E eu fôra a esta rosa
O meu amor offertar,
Se n'uma rosa quizéra
Meu amor depositar;
E disséra « Vem ser minha
« O' tu formosa sem par:
« Bellezas que o Céo te deu
« Só eu sei apreciar.

Mas se acaso eu lá do prado
Fôra tambem uma flôr,
Eu quizéra ser das rosas,
Uma rosa toda alvôr;
Eu quizéra, cavalleiro,
Ter-te por meu defensor,
Quizéra sorrir-me ufana
Ouvir-te — sou vencedor —

Em 15 de Dezembro de 1849.

Anna Sá.

AOS CAMPEÕES DA ROZA BRANCA.

Ou no campo, ou na estacada
Defendo a rosa encarnada,
Que a branca veio affrontar!
Levanto a luva por ella.
Que defendo uma donzella,
Que é cobardia atacar!

Venha quem fôr cavalleiro,
O mais valente primeiro,
Que traga lança e arnez
Não cantem inda victoria,
A desfructar-me essa gloria,
Venham os dous d'uma vez!

Não teme a rosa encarnada
Da branca tam descorada,
Como flôr do mausoleu!
Se desta sois defensores,
E' aquella os meus amores,
Por ella me bato eu!

Se já cantaste victoria
O triumpho foi sem gloria.
Por que ninguem combateu!
Mostrae-me a lança quebrada
Em pró da rosa encarnada,
Que a vossa branca venceu!

Vós que já destes rebate,
De ter vencido combate,
Dizei-me quem batalhou?
Dizei-me meus campeadores,
Se a rosa de meus amores
Mais formosa não ficou?

Onde tem a vossa rosa
Aquella côr tam formosa,
Aquelle casto rubor?
Como a donzella que córa,
Como os sorrisos d'aurora,
E' da minha rosa a côr!

Cavalleiros, sois valentes,
Não vos livreis descontentes
Que tambem sei pelejar!
Como vós eu tenho espada,
E pela rosa encarnada
Sei alguns versos rimar!

Chamastes um cavalleiro,
Eu não quiz ser o primeiro,
Por isso foi que tardei!
Não julgueis que tinha mêdo,
Mas era inda um segredo
A rosa que eu adoptei!

E se a dama desvelada,
Que guarda a rosa encarnada,
Já o triumpho vos deu:
A'lerta, meus cavalleiros!
Guerreiros contra guerreiros:
Ceder-vos não quero eu!..

Nem ella cedeu por certo
Deixou-vos o campo aberto,
Por que não quiz combater!
Quer nas armas, quer nos cantos,
E talvez que nos encantos,
Tinha bem com que vencer!

Viu-se só abandonada,
Levou a rosa encarnada,
Guardou-a no coração!
Nem desafios aceita,
Quem com seus olhos sujeita
O mais forte campeão!

Contra uma dama é fraqueza
Usar de força ou destreza:
Cavalleiros somos nós!
Eu sou da rosa encarnada,
Sou da donzella affrontada,
Da rosa branca sois vós!...

Podeis sahir vencedores,
Vós ambos sois trovadores,
Podeis vencer-me a trovar!
Mas sem lyra, e sem espada
Inda da rosa encarnada
Campeão me hei-de assignar!

Das armas decida a sorte,
D'uma rosa marque a morte
Qual das duas triumphou!
Se da branca as tristes côres,
Se da encarnada os rubôres
A minha lyra augmentou!

Vinde á lide cavalleiros:
Guerreiros contra guerreiros
E' que devem batalhar!
Ou no campo, ou na estacada
Defendo a rosa encarnada
Que a branca veio affrontar.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1850

O Magriço.

A' DAMA DA ROZA ENCARNADA

Como nas justas antigas,
Aqui venho a vossos pés!
Vou por vós entrar nas brigas,
E dou-vos cultos e fés!
Eu vi a rosa encarnada
Ser pela branca affrontada
Sem ninguem a defender!
Nem sequer por cortezia,
Que a uma dama se devia,
Deixaram de combater!

Eram dous os aggressores
Atacando a vossa flôr!
Respondi aos campeadores,
Aceitai-me defensor!
Não quero louvor, ou paga;
Quero partir uma adaga,
Se me deixaes batalhar
Para a briga, que me chama,
Sem por mim ter uma dama
Nas lides não posso entrar!

Levo a vizeira calada,
Calada me ficará!
Em quanto a rosa encarnada
Pendente da luta está!
O meu nome não o digo;
Era assim no tempo antigo
Costume de batalhar!
Só depois de ter vencido
E' nas justas permittido
A vizeira levantar!

Eu não sou aventureiro
Que quer das damas o amor!
Meus fóros de cavalleiro
Aqui vão — Sou trovador!

E pela rosa encarnada
Minha lyra, minha espada
Hão-de sempre combater!
Vós que tambem tendes lyra,
Que pela rosa suspira,
Não m'a deixaes defender?

E' tarde: a luva lançada,
Levantei de sobre o pó!
Defendo a rosa encarnada,
Por ella ficarei só...
Porém não, é vossa a rosa
Nem me fôra a luta honrosa
Sem a vossa permissão!..
Dizei que tendes direito.
Quereis a rosa ao peito,
Ou quereis vêl-a no chão?..

Ou quereis que vá vencida
Esfolhada por tufões?
Ou quereis que vá perdida
Nas azas dos furacões?
Quereis a branca vencendo
Quando a nossa fôr perdendo
Todo o imperio que tem?..
Não creio — Se acreditára,
Por minha fé vos jurára,
Que já não cria em ninguem!

Dama da rosa encarnada
Deixae-me — que vencerei!
Levo no escudo pintada
A divisa, que adoptei!
A rosa branca cahida,
A nossa no centro erguida,
Juro a Deus que hei-de vencer!
Eu sou poeta e soldado
Ou hei-de voltar c'roado,
Ou nas justas vou morrer.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1850.

O Magriço
CAVALLEIRO DA ROSA ENCARNADA.

AO MAGRIÇO

Cavalleiro da rosa encarnada.

Chante..... sa grace et sa beaute!
Ronsard.

Bem vindo sejas guerreiro,
Aprás-me tua chegada,
Trazes luzida armadura,
Lyra mui bem affinada:
— Por certo que a minha rosa
Não póde ser desfolhada!

Quando ia a despenhar-se
Impellida do tufão,
E sepultar-se talvez
No seio da escuridão,
Vê luzir a tua lança,
Denodado campeão!

Parte, sim, ó cavalleiro,
Vae na liça pelejar:
Tu és bravo; é justa a palma,
Que pertendes disputar:

— Vae seguro da victoria,
Que te não póde falhar!

Como devem ser airosas
Tuas lides, trovador;
Que tambem nos teus contrarios
Achas brio e pundonor!
Mas a rosa, que te inflamma,
Te fará ser vencedor!

Não me assustará o vêr-te
N'uma luta desigual,
Vaes desaffrontar a rosa,
Que não póde ter rival,
E esta tam justa empreza
Não te póde ser fatal.

Parte, sim, ó cavalleiro,
Vae-te de louros c'roar!
Lá te aguardam já no campo
Dous cavalleiros a par!
— Oh! não possam suas lanças
A tua lança quebrar!..

Em 20 de Janeiro de 1850

Anna Sá.

AO CAMPEÃO DA ROZA ENCARNADA

O campo é este, campeador, a espada
Arranca da bainha.
Aqui fica um de nós! ou tu triumphas,
Ou a victoria é minha.

Agora sim, que vejo em lide aberta
Um lidador feroz, em mal, que incerta
Seja ainda a tua voz
Meu braço ei-lo aqui tens, firme e robusto:
Meu peito ei-lo aqui vês audaz, sem susto,
Qual vencerá de nós?

Aqui sobre o corcel, quero eu mostrar-te,
Ostentando valôr, industria e arte,
Se tinhas tu razão
Para chamar á liça os dous guerreiros
Da rosa branca, juntos, companheiros
Só contra um campeão!

Em tanta conta tens tua armadura?
Ou no cantor da rosa da candura,
Insano, presumiste por ventura
Uma fraqueza tal?
Qualquer dos dous combate a sós comtigo:
Que o reza assim a lei do tempo antigo;
Airosa lucta seja imigo a imigo;
Rival contra rival.

Aqui tens um dos dous, que investe só.
Não haja nesta arena amor, nem dó,
Um de nós hoje ha-de ir de rojo ao pó
E lá dizer — Cedi!
Aqui, sosinho, a espada em punho, eu quero
Domar tua altivez, teu brio fero,
Marcar o orgulho teu na cifra — Zero —
E bradar-te — Venci!

Cavalleiro, cavalleiro
Quem não é aventureiro,
E ás damas não tem amor,
Não tem fé no mundo inteiro
Nem póde amar uma flôr,
Eu tenho amor ás donzellas
Meu peito rende-se ás bellas,
E vae bater-se por ellas,
Seja aqui, seja onde fôr.

Mas não penses, inimigo,
Qu'imprudente affronte um p'rigo
Por qualquer dama d'ahi!
Meu peito curvou-se amigo
A' melhor, que entre outras vi,
Eu sou a prol do talento,
Sei atacar mer'cimento;
Não hesite um só momento
Em dizer-lhe — Eu sou por ti —

Lidador, os cavalleiros,
Que se appellidam guerreiros,
Não pódem ser desleaes,
Valentes mais verdadeiros
Devem chamar-se que os mais;
Mas tu foste desleal!
Em hora negra, fatal,
Cavalleiro, por teu mal
Calumniaste os rivaes.

Campeador, oh! tu mentiste
Quando disseste que viste
Desacatada a mulher.
Poeta não lhe resiste,
Nem ergue o braço sequer
Sou, como tu, trovador,
Sou cortez, — tenho-lhe amor;
Amo-a como a branca flor,
A quem meu peito mais quer —

Eu depuz minha armadura
Ante a imagem da brandura,
Rendi-lhe meu coração.
— Do trovador a ternura
Pelas damas é condão —
E fiz bem — Eu dei-lhe tudo
Lança, espada, arnez, escudo,
E contente, e quêdo e mudo
Quiz quebrar sua isenção.

E folguei por este feito
E senti prazer no peito,
Que ficou cheio d'ardor
E lhe dei logo meu preito;
E roguei fosse uma flor
.....
Cavalleiro, estou na sella
Onde é a lide? aqui? a ella.
Quem se rendeu á donzella
Não se rende ao campeador.

Campeador ávante, á espada!
Somos ambos na estacada,
Um de nós ha-de morrer,
Tu trazes rosa encarnada,
Eu a branca em frente alçada,
Por ella! que é minha amada,
Eia, á guerra, a combater.

Nenhuma rosa por certo,
Contendendo em campo aberto,
Co'a minha póde brigar.
Na cidade, ou no deserto,
Seja ao longe, ou seja ao perto,
Ou no altar d'oiro coberto
Ha-de sempre esta brilhar.

Ha-de sempre... oh! ha de sim
Que é o sceptro d'um seraphim
Da habitação divinal.
E' o branco liso marfim,
Com que se adorna o jasmim,
E' a candura ingenua emfim
D'um puro ser virginal!

O campo é este, campeador, a espada
Arranca da bainha.
Aqui fica um de nós! Ou tu triumphas,
Ou a victoria é minha.

Não recuam os guerreiros
Dos guerreiros na presença:
Não abandonam o campo,
Nem renegam sua crença.
E levantada a vizeira,
Vão sem mêdo a guerrear,
Porque tem fé na beldade
Por quem vão lanças quebrar.

Eu tenho fé n'uma rosa,
Branca rosa, linda flor,
Tenho-a erguido triumphante
Sobre as rosas d'outra côr.
Hei-de abater as bandeiras
Dos que nella não tem fé:
Desfolhar outras ao vento
Cortal-as cerceas no pé —

Hei-de sim: e egual canção
A's canções, que hei levantado,
Quero ouvir do campeão,
Que vejo no campo armado.
Quero que consagre á rosa,
Rubra rosa, seu amor,
Versos taes, como os que eu fiz
A' minha candida flor.

E depois que digam todas
Qual de nós foi quem venceu,
Se foi quem esconde o nome
Por cobarde, ou se fui eu.
Quero que vejam a lide,
Que comtigo vim travar:
Trovador, á luta, á guerra,
Eia ávante a batalhar.

O campo é este, campeador, a espada
Arranca da bainha.
Aqui fica um de nós! Ou tu triumphas,
Ou a victoria é minha.

Agueda, 20 de Janeiro de 1850.

José Maria Vellozo.

AO MAGRIÇO

A Roza Branca.

Olá, Magriço, não sabes
Que mais companheiros tens!
Não sabes?.. oh! contra elles
Como assim ousado vens?!
Como vate e cavalleiro
Cumpre-te ser verdadeiro.

Nós victoria não cantamos:
Não tivemos quem vencer:
Não veio um só cavalleiro
Nosso pregão rebater;
Não veio um só cavalleiro:
E's tu agora o primeiro.

Veio sim, veio uma dama,
Foi quem teve esse valor:
Não nos batemos, corremos
Ir-lhe aos pés lanças depôr.
Fomos sim della vencidos,
Mas não fomos convencidos.

Não julgues pois, cavalleiro,
Que o não saibamos ser,
Uma dama sempre vence;
Há gloria em lhe ceder.
Ninguem combateu com ella,
Ninguem combate uma bella.

Melhor eu, que tu, conheço
Quanto póde o seu olhar,
E ambos nós, ó poeta,
Quanto diz o seu trovar
Para deixar d'encantado
Ficar logo desarmado.

Mas hoje vejo uma lança
P'ra com a minha cruzar:
E' comtigo, ó cavalleiro,
Que vou nas justas entrar:
Embora sejas mais forte
Não temo me dês a morte.

Tu só tens a tua lança,
O teu braço, o teu valor,
Vantagens da minha rosa
Eu tenho p'ra lh'antepôr.
Ha-de alfim caber-me a gloria
De bradar — venci... victoria —

Se não fui eu o primeiro,
Que a rosa branca cantei,
Fui sim aquelle que a luva
Sem pavôr ao chão lancei:
Devo pois ser o primeiro,
Que te combata, guerreiro.

Esse rubôr, que *sorrisos*
D'aurora te apraz chamar,
Sorrisos são, porque dizem,
Que vem o dia a chegar!
Quando eguaes no fim do dia
Produzem melancolia.

Esse rubôr que á donzella
Muda as faces em coral
Não é só modestia: ás vezes
Elle do crime é signal:
Não mostra aquella candura,
Que tem sempre a formosura.

Tu chamas á rosa branca
Dos mausoleus a flôr:
Queres que seja um defeito
O que tem de mais primôr!
E' porque adorna a capella
Da já finada donzella.

E' só da virgem finada
Que ella a fronte vae coroar,
Sempre candura, innocencia
A vae até'li mostrar,
Porque a rosa, toda alvura,
Diz innocencia e candura.

Ah! confessa, cavalleiro,
Desta vez que venci eu:
Que a minha rosa tam linda
Mais um triumpho me deu.
Confessa que a minha rosa
Mais do que a tua é formosa.

Mas ah! se julgas que pódes
Ainda ao campo voltar,
Volta, volta cavalleiro,
Que nelle me has-de encontrar.
Se venceu Magriço outr'ora,
Ficará vencido agora.

Guimarães, 20 de Janeiro de 1850.

João Machado Pinheiro.

Á CAMPEADORA DA ROZA ENCARNADA

Vaincre ou mourir!

Quem teme agora das lanças
Dos campeadores! Quem é?
Quem não sente as esperanças
Vecejar á luz da fé?
Por campeador me aceitaste,
Duas mortalhas talhaste,
Nossos contrarios marcaste,
Nem um só fica de pé!

Mil graças, dama formosa,
Por me deixares lidar!
Mil graças que a nossa rosa,
Não deixarei humilhar!
Quando as vossas trovas lia,
Por Deus! que me não cabia
Dentro n'alma a valentia,
Que me soubeste inspirar.

Se outr'ora lá na Inglaterra
Não fui primeiro a bradar;
Bem viram: fome, nem guerra
Me impediram de chegar!
E aos cavalleiros inglezes,
Os finos rijos arnezes,
Os seus ditos descortezes,
Não poderam sustentar!

Agora fui o primeiro,
Que o caminho livre achei,
A' fé de bom cavalleiro
Que o campo não cederei!
Não temais, nobre senhora,
Que o grão Magriço d'outr'ora
Quebra a louza; e vem agora
Cumprir o que vos jurei!...

Se me fôr traidora a sorte
Se eu fôr vencido.... então!
Ha-de ser honrosa a morte,
Ha-de ser!.. bem o verão!
Mas vós?.. se eu perder o alento,
Ide á lousa e no moimento,
Desfolhai-me um pensamento,
Um pensamento... mais não!..

2 de Fevereiro *O Magriço.*

AO ILLM.º SNR. JOSÉ MARIA VELLOZO

Qual é no mundo o astro mais brilhante,
Qual é mais do que o sol?...
Que ao despontar d'aurora vem radiante
Aos prantos do arrebol?

Cem poetas cantaram já da aurora
A purpurina côr,
A virgem que à virtude n'alma adora
Tem da rosa o pudôr.

Qu'importa a rosa branca, fria e triste,
Innocencia a dizer?
Se o pudôr, se a vergonha não resiste,
O crime ha-de vencer!

Nem crime, mas desejos, que a candura
Póde amor seduzir!
E ai da virgindade mal segura,
Se o pudôr não surgir!

Então ai da pureza, ai da innocencia
Sem guarda ou protector!
Póde o crime encarnar-se na existencia
Faltando-lhe o pudôr!...

A brancura que diz? que é branca a lua?
Não lh'o posso negar!
Mas seja embora de tristezas nua
Póde o crime aceitar!..

E d'aurora ao raiar das rubras côres
Foje o crime, o terror!
Com seus raios o sol anima as flôres
Em tudo nasce amor!

A rosa branca é bonita,
Mas quando o peito palpita
A' virgem, que sente amor,
Foje do rosto a brancura,

Se a alma foi sempre pura
A's faces sobe o rubôr!

E o rubôr prende o desejo,
Por que só nasce do pejo,
Que vem o rosto tingir!
Que se a innocencia não córa,
Quando um desejo a devora,
Póde nos erros cahir!

A linda encarnada rosa
E' de todas mais formosa
Que *symbolisa o pudôr!*
E a virtude mais bella
E' nas faces da donzella
Causar o pejo rubôr!

Frápez, entre, rompe tout

Trovador, se és cavalleiro
Não devias insultar!
Não val gastar palavras
Quem armas sabe jogar.
A' tua rosa devias
Sómente versos cantar!

Tenho-te visto na lide
Chamar *Jogral e peão!*
Palavras que tu tens dito
Não as dizia um vilão!
Quem sabe ser cavalleiro
Não tem chufas de truão!

Que te importa a ti meu nome?
Queres-me o nome brigar?
Chamas-me fraco e *cobarde*,
Quando te vou batalhar!!!
Quando a luva, que lançaste,
Eu venho — só — levantar!

Impotente!... ou estás louco,
Ou a raiva te cegou!.·
Tu não combates o nome,
Combates quem o occultou!
Combates um cavalleiro
Que tua luva rasgou!

Qual de nós é mais cobarde,
Trovador nobre e leal?
Quem combate uma donzella,
Meiga visão ideal?
Ou quem a dama defende
Em combate desigual?

Dize, falla, cavalleiro,
Vós sois dous, e fui — eu só —
A pró da formosa dama!
Da rosa encarnada a pró!
Aceitar d'ambos o repto,
Erguer-lhe a luva do pó!

Fui — eu só — nem mais quizera,
Que não preciso ninguem!
Que a minha lança e espada
Polidas laminas tem!
Sois dous só... pois tenho pena
Quizera que fôsseis cem!

Quizera para mostrar-vos
Se sei, ou não combater!
Se por minha linda rosa
Não sei com versos vencer!
Se por minha linda dama
Não sei nas lides morrer!

Se tu mesmo te admiras
Por que dous vou batalhar!
Como depois *esquecido*
Me vens *cobarde* chamar!
Ou tu não és cavalleiro,
Ou não sabes pelejar!

Não vês tu que tenho dama,
Que por ella morrerei?
Ou que a seus pés humilhada
A tua flor deixarei?
Que jurei c'roar-lhe a fronte
Com a rosa que adoptei!

Não vês tu, que ouviu meus rogos,
Que meus cantos acolheu?
Que se eu não fôra soldado
Ella coragem me deu!
Que m'inspirára mil trovas,
Se poeta não fosse eu!.....

Inda que á rosa encarnada
Não tivéra tanto amor;
Se uma dama a defendia,
Tornei-me seu campeador;
Que é dever d'um cavalleiro
Ser das damas defensor.

Porém eu adoro a rosa,
Por quem me vou batalhar,
E a quem me chamou cobarde
Mais cortez hei-de tornar!
Que não é ter valentia
O seu contrario insultar!

Dizes que *minto*? outra affronta
Que teu sangue lavará!
Impotente, desabafa,
Teu corpo me pagará!
Eu respondo com lançadas;
Justiça — Deus a fará.

O que sahir triumphante
Não sei eu quem ha-de ser!
Mas á fé, que a minha rosa
Nenhuma póde vencer!
Mas á fé, que á minha dama
Nenhuma póde exceder!

Que a dama da minha rosa
No mundo não tem rival!
Por que adora as rubras côres
Do pudibundo coral!
Sem pudôr, a virgindade
Não é virtude real!

Cavalleiro, estou no campo
E á fé que não cederei!
Lê bem as singelas trovas
Que á minha rosa cantei!
Se te não dizes vencido
E's traidor — mas voltarei!

Tu bem sabes que a innocencia
Precisa de ter pudôr!
Necessita a rosa branca
Da rosa de rubra côr!
Confessa, Dom Cavalleiro,
Confessa, sou vencedor!

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1850.

O Magriço.

A' CANTORA DA ROZA ENCARNADA

Sempre femina

Mulher, que pulsas em doirada Lyra
Suaves cordas, que encadeam almas,
Que a força sentem de canoros versos:
Mulher, que és tudo para quem t'entende,
Que tudo podes, por que elevas, ergues
Em lêdo rapto, té aos céos teus cantos,
Mentir não pódes, que não mentem vates,
E tu recebes divinaes bafejos,
Que aos vates manda bemfasejo o Eterno;
Oh! eu t'emprazo! A's perguntas minhas,
Mulher, responde.

Donzella, foste offendida,
Vencida,
Por teu patricio, ou por mim?
Acaso foste insultada,
Manchada
Pelas Harpas de marfim

Dos poetas, que exaltaram,
Cantaram
Brancas filhas do jardim?
Não, ou sim?

Fomos nós vilões grosseiros?
Guerreiros
De tenção damnada, ruim?
Nós cantores d'uma rosa
Mimosa,
Como as faces d'um ch'rubim?
Que dissemos — A Mulher,
Se o quer,
Para nós é tudo em fim!?
Não, ou sim?

Mulher, que és digna dos sabios,
Teus labios,
Que rivaes são do carmim,
Devem dar fatal sentença!
Offença
Fizemos-ta nós assim,
Como dizem os que odeiam,
Guerreiam
Na rosa a côr do jasmim?
Não, ou sim?

Lédo, cortez, pressuroso,
A teus pés, dize, não vim?
Não te disse — Eis a armadura,
Tam dura,
Lança, espada, e bandolim?
Tudo tens — eis tudo estrella,
Tam bella,
Bella como um serafim?
Não, ou sim?
.....
.....

11 de Março de 1850.

José Maria Vellozo.

AO ILLM.° SNR. JOSÉ MARIA VELLOZO

Je ne trahirai la verité

* * *

Eu respeito, cavalleiro,
Teu polido interrogar;
Respeito, leal guerreiro,
Teus brios que não tem pár!
Se queres, cantor, que eu falle,
Se para ti isso vale,
Não me devo recusar!

Confesso, fui penhorada
Por vossa contemplação,
Quando da rosa encarnada
Quiz tomar a defensão:
Quando cantei os primôres
Da rosa dos meus amores,
Rosa de muita affeição!

Eu vos vi depôr as lanças,
E toda a vossa armadura;
Ouvi-vos sim em bonança
Fallar com muita brandura!
Mas depois lanças erguestes.
E de novo combatestes
A minha rosa tam pura!

Não chamarei, cavalleiro,
A isso desattenção!
A esse encontro primeiro
Tributarei gratidão!
Tam airosos vos mostrastes,
Tal galhardia tomastes
Que me fez toda attenção!

Mas eu no desejo ardia
Da minha rosa exaltar,
Quando á vossa rosa ouvia
Dôces versos descantar!

Quando ouvia em som acorde
« Com a minha ninguem pode
« Outra rosa comparar ! »

E como affronta tomava
Esse tam rijo dizer !
Vossa rosa não mostrava
Mais que a minha bella ser !
Faltava-lhe um trovador,
Um valente contendor,
P'ra por ella combater ! ...

Foi então que um cavalleiro
No campo se viu entrar !
Com altivez de guerreiro
Foi bem alto seu bradar !
« Off'reço á rosa encarnada
« Minha lyra, minha espada:
« Por ella vou batalhar !

Eu gostei de vêl-o assim,
Tam galhardo e cortezão !
E da rosa do carmim
O saudei por campeão !
Julgou-nos, sim, offendidas,
Desvelado entrou nas lidas
Seu braço moveu-se então !

E eu dei-lhe por seu feito
Candida, pura affeição!
Dei-lhe, sim, dentro no peito
Um sentir do coração!
— Amo tudo o que é sublime:
E é bem justo que eu estime
Do cavalleiro o condão.

Em 26 de Março de 1850.

Anna Sá.

FIM

INDICE

	Pag.
Ao rio Vizella	7
A' memoria de meu pae	9
Saudade a meu pae	13
Esperança	15
Abandono	19
A' rosa	21
Uma illusão	23
A meu primo F. J. Moreira e Sá	25
Uma saudade.	27
A minha irmã D. Antonia	29
Uma lembrança do passado	33
A' minha amiga Anna E. de Freitas	37
Desesperança.	41
Ao illm.° sr. Alvaro de C. Moreira Pinto ..	43
Ao author do drama «A Vingança» o exm.° sr. João Machado Pinheiro	45
Ao exm.° sr. D. João d'Azevedo..	47
Na solidão do Mosteiro	49
No album do illm.° sr. Bento de Freitas Soares	51
Resposta a uma poesia do illm.° sr. A. J. d'O. Cardoso	53
Resposta a uma outra poesia do mesmo sr. A. Cardoso	55

Pag.

A' morte de minha irmã D. Emilia 57
A meu primo F. J. Moreira de Sá 59
A' minha amiga D. Anna F. de Freitas 61
Ao illm.º sr. Antonio Pinheiro Caldas 63
No album da minha amiga D. Anna E. de Freitas 65
A' exm.ª snr.ª D. Celestina Chardonnay 67
N'um album 69
Uma resposta 71
A' noite 73
No album da exm.ª snr.ª D. Izabel M. F. d'Oliveira 75
Uma saudade á morte de minha irmã D. Emilia 77
Adelia ou o somno de Veriato 79
Um pensamento 85
O sino dos finados 87
Improviso, á minha amiga D. Margarida Maxima de F. Sampaio 89
A' minha amiga D. Anna Elvira de Freitas .. 93
O vate 95
Amizade, no album do illm.º snr. J. J. de Lima e Costa 97
O despertar do proscripto 99
O mar 101
Saudade, á exm.ª snr.ª D. Maria Justina de Sá Coutinho 103
Saudade 105
A' morte do exm.º sr. D. João d'Azevedo .. 107
A' incognita, eximia cantora da rosa amarella.. 109
A' illustre cantora da rosa amarella, e á mysteriosa poetisa «A Violeta» 111

Pag.

A minhas irmãs e marido, depois de uma grave molestia 113
A Guimarães 115
Aos meus annos 117
A minha cunhada D. Carlota Mello, estando á morte 119
A' conceição da Virgem 123
A mulher 125
A' exm.ª snr.ª D. Maria Clara de Freitas Costa, pela sentida morte de sua exm.ª filha D. Carolina 127
A Camões 129
A' morte da exm.ª snr.ª D. Maria Antonia d'Araujo A. Feio 131
Ao padre Azevedo, religioso que foi no Mosteiro da Cruz 133
A' apresentação de Egas Moniz a D. Affonso 7.º, Rei de Leão 135
A' morte d'uma creança 139
A minha amiga e patricia D. Margarida M. de Freitas Sampaio 141
O Atheu 143
A' incarnação 145
A' capella de Nossa Senhora da Tocha, no monte da Santa, na freguezia de S. Adrião de Vizella 147

ROSA BRANCA E ROSA ENCARNADA 151

A' rosa branca 153

Pag.

Ao exm.º sr. João Machado Pinheiro 157
A' rosa branca. — A'.... Anna Sá 161
A'.... Anna Sá 167
Ao exm.º sr. João Machado Pinheiro 171
Ao exm.º sr José Maria Velloso 173
Aos campeões da rosa branca 175
A' dama da rosa encarnada 181
Ao Magriço cavalleiro da rosa encarnada .. 185
Aos campeões da rosa encarnada 187
Ao Magriço 195
A' campeadora da rosa encarnada 199
Ao illm.º sr. José Maria Velloso 201
A' cantora da rosa encarnada 209
Ao illm.º sr. José Maria Velloso 213

OCT 1 1933

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Dec. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 330 540 8